



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

ANTONIA BESERRA DA SILVA

ROMANCE D´A PEDRA DO REINO E O PRÍNCIPE DO SANGUE DO VAI-E-VOLTA: FÉ E MISTICISMO DE UM SERTÃO ENCANTADO.

CAJAZEIRAS - PB

2017

ANTONIA BESERRA DA SILVA

ROMANCE D´A PEDRA DO REINO E O PRÍNCIPE DO SANGUE DO VAI-E-VOLTA: FÉ E MISTICISMO DE UM SERTÃO ENCANTADO.

Monografia apresentada ao Curso de Letras– Licenciatura em Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa

CAJAZEIRAS - PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

G635t Silva, Antonia Beserra da.
Romance d'a Pedra do Reino e O Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta:
fé e misticismo de um sertão encantado / Antonia Beserra da Silva. -
Cajazeiras, 2017.
56f.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP,
2017.

1. Romance brasileiro. 2. Sertão. 3. Mito. 4. Sertanejo. 5. Suassuna,
Ariano. I. Sousa, Elri Bandeira de. II. Universidade Federal de Campina
Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 82-31(81)

ANTONIA BESERRA DA SILVA

ROMANCE D'A PEDRA DO REINO E O PRÍNCIPE DO SANGUE DO VAI-E-VOLTA: FÉ E MISTICISMO DE UM SERTÃO ENCANTADO

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

Aprovado em: 13,09,2017

BANCA EXAMINADORA

Elri Bandeira de Sousa

Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa (Orientador)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Mariana Moreira Neto

Prof.ª Dr.ª Mariana Moreira Neto (Membro)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Maria de Lourdes Dionizio Santos

Prof.ª Me. M.ª de Lourdes Dionizio Santos (Membro)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

A minha querida avó Francisca Maria de Jesus
(in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, o guia de todas as horas de minha vida.

A minha mãe Aldenir Beserra de Alencar e ao meu pai Luiz da Silva Barros, por me ensinarem através do amor e da humildade, o valor da vida.

Aos meus irmãos que nunca deixaram de me apoiar e incentivar em todos os momentos.

A todos os meus familiares que sempre acreditaram em meus esforços.

Em especial, à Kellania Moreira, por jamais me negar ajuda e conforto nessa caminhada.

Aos meus amigos e colegas de curso e da vida, por partilharem comigo tantos momentos significantes.

A todos os meus professores, mestres queridos, por todas as lições.

Ao meu orientador, professor Dr. Elri Bandeira de Sousa, por toda a paciência, apoio e dedicação a esse projeto.

Ao mestre Ariano Suassuna, pela obra encantadora que é o tema desse trabalho.

Finalmente, a todos aqueles que, de algum modo, contribuíram para minha formação, em todos os sentidos.

RESUMO

Analisando uma imagem singular do Nordeste brasileiro, da cultura popular e do elemento mítico formuladas pelo ponto de vista do narrador do *Romance d`A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*, esta pesquisa se detém no mito e no messianismo, como temas fundamentais do citado romance de Ariano Suassuna. Tal obra reúne uma vasta quantidade de elementos caracterizadores do espaço sertanejo, no cenário romanesco, como sendo uma marca registrada da exaltação da gente e da terra do Sertão. Desse modo, focaliza-se, aqui, a exposição do fenômeno mítico através dos rituais sebastianistas praticados no sertão nordestino que preconizavam, entre outras utopias, a vinda do rei português D. Sebastião, transformado em símbolo de esperança de um mundo novo e melhor. Este trabalho objetiva compreender, no plano da ficção, a imagem de um Sertão e de um homem sertanejo, que, apesar de todas as dificuldades, é capaz de uma fé que transcende as barreiras do ilusório e o transforma numa espécie de guerreiro, fiel, picaresco, sonhador e forte. Nesse sentido, para melhor exploração do tema, traçamos como objetivos específicos: identificar a força do mito na sociedade sertaneja que a obra retrata; analisar as consequências da crença no elemento mítico como base primordial de um sertão transfigurado; perceber a influência do sonho na personalidade do narrador; e refletir sobre as consequências das ideologias pessoais do autor no contexto de sua narrativa. Assim, para levar a efeito a análise, nos fundamentamos, principalmente, nos conceitos de mito em Eliade (1972) e em Cassirer (1992), nas considerações de Queiroz (2003) sobre messianismo, e em Facó (2009), que discute as causas sociais do fanatismo no sertão nordestino. Os críticos consultados são Cezar (2015), que aborda o sertão mítico de *A Pedra do Reino*, e Farias (2006), que analisa o Sertão de Suassuna, enfatizando o “Espaço Regional, Messianismo e Cangaço”. Metodologicamente, trate-se de pesquisa bibliográfica e abordagem qualitativa. A pesquisa em questão, resulta na compreensão da riqueza imagética do romance de Suassuna que nos expõe através de um mito Sebastianista a capacidade do homem sertanejo, por ele abordado, de fazer do invisível sua fonte de força e persistência.

Palavras-chave: Romance. Sertão. Sonho. Mito.

RESUMEN

Analizando una imagen singular del Nordeste brasileño, de la cultura popular y del elemento mítico formuladas por un punto de vista del narrador del *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*, se detiene esta investigación al mito y al messianismo, como contenidos fundamentales de la obra de Ariano Suassuna. La obra reúne una cantidad muy grande de elementos que identican el espacio sertanejo, en el escenario romanesco, haciendo una marca registrada de la exaltación de la gente y de la tierra del Sertão. De este modo, se enfoca el fenómeno mítico a través de los rituales sebastianistas practicados en el sertão nordestino que preconizaban, entre otras utopías, el regreso del rei português D. Sebastián, convirtiéndose en el símbolo de la esperanza de un mundo cambiado y mejor. Este trabajo tiene como objetivo comprender, de manera ficcional, la imagen de un Sertão y de un hombre sertanejo, que, a pesar de todas las dificultades es capaz de tener una fe que trascende las barreras del ilusorio y lo convierte en una especie de guerrero, fiel, burlesco, soñador y flerte. Para un mejor abordaje del tema, trazamos como objetivos específicos: identificar la fuerza del mito en la sociedad sertaneja retratada en la obra; analizar las consecuencias de la creencia en el elemento mítico como algo primordial de un Sertão transfigurado; percibir la influencia del sueño en la personalidad del narrador; y reflexionar acerca de las consecuencias de las ideologías personales del autor en el contexto de su narrativa. Entonces, para llevar a cabo los análisis nos basamos principalmente en los conceptos de mito de Eliade (1972) y en Cassirer (1992), en las consideraciones de Queiroz (2003) sobre el messianismo, y en Faco (2009) que discute las causas sociales del fanatismo en el Sertão nordestino. Los críticos consultados son Cezar (2015), que trae el Sertão mítico de La Piedra del Reino, y Farias (2006) que analiza el Sertão de Suassuna, con énfasis en el “Espacio Regional, Mesianismo y Cangaço”. Metodológicamente se trata de una investigación bibliográfica y un enfoque cualitativo. La investigación resulta en la comprensión de la riqueza imagética del Romance de Suassuna que nos expone a través de un mito Sebastianista la capacidad del hombre sertanejo, por él abordado, de hacer de lo invisible su fuente de fuerza y persistência.

Palabras clave: Romance. Sertão. Sueño. Mito.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 DISCUSSÃO TEÓRICA: MITO E MESSIANISMO.....	13
1.1 CONCEPÇÃO DE MITO.....	13
1.2 MITO E MESSIANISMO.....	16
1.3 BREVE DESCRIÇÃO DOS MOVIMENTOS MESSIÂNICOS PRIMITIVOS.....	18
1.4 MOVIMENTOS MESSIÂNICOS NA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL.....	20
1.5 MESSIANISMO NO BRASIL.....	23
1.6 A ESSÊNCIA DO MESSIANISMO: TENTATIVA DE DEFINIÇÃO.....	27
2 ARIANO SUASSUNA E O ROMANCE REGIONALISTA.....	29
3 ANÁLISE DO MITO E MESSIANISMO NO ROMANCE D´A PEDRA DO REINO E O PRÍNCIPE DO SANGUE DO VAI-E-VOLTA.....	34
3.1 APRESENTANDO O AUTOR.....	34
3.2 SÍNTESE DO ENREDO DA OBRA.....	35
3.3 O QUE OS CRÍTICOS JÁ AFIRMARAM.....	37
3.4 ANÁLISE DA OBRA.....	41
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55

INTRODUÇÃO

Contemplando uma imagem singular do Nordeste brasileiro, a cultura popular e o elemento mítico, essa pesquisa tem como base o *Romance d`A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta* que reúne, numa só obra, uma vasta quantidade de elementos caracterizadores do espaço sertanejo e em razão disso se evidencia no cenário romanesco, como sendo uma marca registrada da exaltação da gente e da terra do Sertão. Desse modo, focaliza-se aqui, a exposição do fenômeno mítico através dos rituais sebastianistas praticados no sertão nordestino que pregavam, entre outras utopias, a vinda do rei português D. Sebastião, transformado em símbolo de esperança de um mundo novo e melhor. Além de uma breve abordagem sobre as manifestações folclóricas e lendárias surgidas das raízes populares, que ganham no corpo do texto, um enfoque especial.

Assim, entendendo que Suassuna, inspirado pelo anseio de enaltecer sua terra, remonta o retrato de um Sertão de tradições simbólicas que fazem dele um reino encantado, ao mesmo tempo em que exalta a figura do homem sertanejo como ícone representativo de valentia e dignidade, buscando, com isso, o reconhecimento da nobreza peculiar desse espaço e dessa gente. Percebemos, então, a relevância da abordagem de seu texto na construção de um olhar diferenciado em relação à literatura regionalista, que no romance *A Pedra do Reino*¹ é trabalhada de uma maneira extraordinariamente característica e encantadora, por abordar tanto a beleza poética extraída da literatura de cordel quanto a retomada de fatos históricos que marcaram a realidade das revoluções políticas e sociais brasileiras, elementos esses tão essenciais para a revelação de uma escrita autêntica e audaz.

Através disso, tendo como base as observações do autor em relação às manifestações de cunho messiânico-sebastianista, e reconhecendo através de sua abordagem do tema, as variadas formas de expressão da religiosidade que desde a colonização foram agregadas à vida do povo sertanejo, servindo de base à identidade do homem como ser que necessita de tais princípios para alimentar suas expectativas em relação a uma divindade salvadora, levantamos aqui a seguinte questão: qual o nível de influência do elemento mítico na prática das crenças sertanejas e como isso se verifica no romance de *A Pedra do Reino*, objeto dessa pesquisa?

Partindo da ideia contida na obra, que identifica no sonho a força motriz da vida humana, seja ela em que âmbito for, revelando que o homem, principalmente o mais fragilizado, se apega

¹ Romance d` A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta

a uma utopia e dela retira o essencial para se alimentar espiritualmente, a crença no mito é a expressão mais intensa dessa condição. É ela que justifica os feitos daqueles que reunidos em torno das pedras, evocavam através dos rituais mais inusitados e bizarros, um rei que supostamente estava ali encantado e do mesmo modo, de diversas maneiras, se revelava através do imaginário do narrador - personagem quando este, cansado da realidade, transfigurava-a e vivia o momento régio que só a imaginação e a esperança podem proporcionar.

Diante do exposto, este trabalho objetiva compreender, do ponto de vista da crença mítica e das demais tradições folclóricas tratadas no romance, através de seu caráter puramente fictício, a imagem do Sertão e do homem sertanejo, que apesar de todas as dificuldades, é capaz de uma fé que transcende as barreiras do ilusório e o transforma numa espécie de guerreiro, fiel, picaresco, sonhador e forte. Nesse sentido, para melhor exploração do tema, traçamos como objetivos específicos: identificar a força do mito na sociedade sertaneja que a obra retrata; analisar as consequências da crença no elemento mítico como base primordial de um sertão transfigurado; perceber a influência do sonho na personalidade do narrador; e refletir sobre as consequências das ideologias pessoais do autor no contexto de sua narrativa.

Para tanto, focamos como base de análise neste trabalho, o elemento mítico que se apresenta na obra como principal fonte referencial de todos os acontecimentos históricos e fabulosos que compõem o seu roteiro. Identificando nele, através do modo de abordagem do autor, as principais vertentes caracterizadoras da utopia que faz do *Romance A Pedra do Reino*, um mundo de heróis e de sonhos.

Assim, para melhor expor este trabalho, nos fundamentamos, principalmente, nas teorias de Eliade (1972) que tenta definir o conceito de mito e rito, demonstrando sua estrutura e fazendo um paralelo entre realidade lenda, Cassirer (1992), abordando uma discursão sobre linguagem e mito, na cultura humana, Queiroz (2003), que traça um perfil das principais manifestações messiânicas ao longo do tempo e em diversas regiões do Brasil e Facó (2009) sobre o fanatismo que constrói os mitos sertanejos e as suas causas. A crítica consultada tem como base as explanações de Cezar (2015), que aborda o sertão mítico de A Pedra do Reino, sintetizando a forma poética da qual o autor se utiliza para compor o romance e Farias (2006), que analisa o Sertão de Suassuna, enfatizando o “Espaço Regional, Messianismo e Cangaço”.

Metodologicamente, essa pesquisa que se evidencia como bibliográfica e tem como método uma abordagem qualitativa, se estrutura, além da introdução e considerações finais, em três capítulos. Sendo o primeiro, uma discursão teórica que trata sobre mito e messianismo, definições e suas manifestações nas sociedades no decorrer dos tempos.

No segundo capítulo, conceituamos o papel do autor em relação ao romance regionalista, interpretando sua literatura como um modelo que se distingue, de diversas maneiras, daquela que foi tratada na década de trinta. Identificamos por meio das indicações contidas no texto, as afirmações que justificam tal diferença.

No terceiro capítulo, apresentamos uma análise da obra no que diz respeito à abordagem do mito sebastianista e o seu papel como corrente messiânica utilizada como peça nuclear para o desenvolvimento do enredo. Esse capítulo divide-se em subcapítulos que abordam também: a síntese do enredo, uma apresentação do autor e o ponto de vista de outros escritores em relação ao tema trabalhado.

Por fim, salientamos que este trabalho é fruto de uma abordagem que tem como característica principal o tratamento da subjetividade de um texto poética, já que, esta pesquisa é oriunda de dados fictícios, colhidos da obra, e que tentamos sintetizar a partir do olhar do narrador-personagem, uma vez que todos os fatos que constituem a ação da narrativa são transmitidos por ele, que por meio de sua imaginação fértil, transfigura o sertão e tudo o mais que o cerca, para fugir da angústia existencial que a realidade lhe impõe e alcançar, para seu deleite, a superioridade do sonho.

1 DISCUSSÃO TEÓRICA: MITO E MESSIANISMO

1.1 CONCEPÇÃO DE MITO

Considerando a complexidade de definição de seus conceitos, tendo em vista que tais discussões foram realizadas por muitas vezes e em diversos períodos de tempo, traçar uma linha de pensamento que relacione e explique claramente a concepção de mito e messianismo, é uma tarefa praticamente impossível. Portanto, na tentativa de abordar o elemento mítico e messiânico de maneira coerente, reconhecendo a ideia de que ambos estão diretamente associados, expomos aqui, em resumo, considerando a extensão do assunto, a concepção básica de tais termos. Utilizaremos, para tanto, a fim de expor, a princípio, a ideia geral de mito, nas palavras de Eliade (1972, p.9):

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças as façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o cosmo, ou apenas, um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens do mito são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes, dramáticas, irrupções do sagrado (ou a do “sobrenatural”) no mundo.

Observando, dessa maneira, a afirmação do autor, compreendemos o mito não apenas do ponto de vista de que é ele um elemento ficcional e meramente conceituador do sobrenatural como definição do maravilhoso, como geralmente costuma-se pensar, mas, sobretudo, a distinção acima citada nos dá a ideia do sobrenatural e do mítico como um acontecimento sagrado e que, primordialmente, existiu. Sendo assim, o mito é o relato de um fato que, embora narre os feitos dos “Entes Sobrenaturais”, tem como raiz, algo que realmente aconteceu, de alguma maneira, abrangendo todas as atividades humanas, pois, todas as suas práticas cotidianas são herança de tradições repassadas e ordenadas por autoridades nas quais os homens

depositam sua crença. Assim, é de crucial relevância compreendermos o conceito de mito distinguindo-o do idealismo meramente utópico-fantástico.

Constantemente, associamos a ideia de mito a fabula, invenção e ficção, desligando-o da visão de Eliade (2003), acima descrita. Isso acontece pelo fato de que, distinguir um termo do outro desassociando-os completamente, não é possível, já que, a palavra mito já traz em seu sentido, também, a concepção de utopia e fantasia. O que nos cabe, no entanto, é tentar explicar através da descrição feita pelo autor que, dadas as devidas precauções, o mito se diferencia das fabulas a partir do momento em que o consideramos como história do princípio das coisas, cujo personagem lendário existiu em determinado momento transformando-se, pelos seus feitos, em exemplo para seu povo. E, é exatamente nesse contexto que direcionamos nossos estudos, buscando esclarecer, sempre que possível, que o termo mitologia é representado aqui, principalmente, a partir de seu viés religioso.

Segundo Eliade (2003), apesar de todas as definições que cercam o termo, mesmo as comunidades mais primitivas cuja essência dos rituais estava diretamente ligada ao culto mítico, era possível delimitá-lo, reconhecendo seu propósito a partir das necessidades de suas tradições culturais, o que implica dizer que, embora as crenças míticas fossem um determinante nestas religiões, seus adeptos utilizavam em seus cultos o mito, dividindo-o em categorias e de maneira distinta.

Partindo dessa ideia, o autor observa que determinadas tribos indígenas, ao seguirem seus rituais, conseguem separar, exatamente, as fabulas contadas como elementos de distração dos ensinamentos míticos que condicionam e sustentam a sacralidade de seus rituais. E apesar de todos os personagens serem representados por Deuses e Entidades Sobrenaturais, não pertencentes ao mundo cotidiano, são divididos por estes indígenas em categorias, desassociando histórias verdadeiras de histórias falsas. É nesse sentido que, talvez, esteja a explicação para o fato de as crenças nas tribos serem celebradas através de uma diversidade de ritos, realizados com propósitos diversos. Os indígenas compreenderam desde sempre, através de ensinamentos repassados de geração em geração, o respeito ao divino sem perder, no entanto, o elo com a fantasia.

De toda forma, para melhor compreensão do fenômeno, é preciso que o homem não perca a noção da origem dos feitos e tradições repassadas pelos seus ancestrais, uma vez que são essas memórias que o identificam como ser humano que nasce, cresce e morre, sem nenhuma explicação aparente de tal fato, o que o torna, originalmente, também, um elemento misterioso. E é com essa credulidade de divindade e mistério que cerca a vida que, algumas

peessoas se apegam ao mito para fugirem da existência cotidiana comum, vivenciando a experiência religiosa e penetrando em um mundo transfigurado no qual se coloca lado a lado da figura do divino Sobrenatural, e dessa forma, torna-se contemporâneo dele:

Reviver esse tempo, reintegrá-lo o mais frequentemente possível, assistir novamente ao espetáculo das obras divinas, reencontrar os Entes Sobrenaturais e reaprender sua lição criadora é o desejo que se pode ler como em filigrana em todas as reiteraões rituais do mito. Em suma, os mitos revelam que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma história sobrenaturais, e que essa história é significativa, preciosa e exemplar. (ELIADE, 1972, p.18).

Ao se deter à visão do homem que busca reviver a transcendência, tornando o objeto mítico e sagrado como forma de vida, o autor volta sua explicação para a sociedade arcaica, cuja recorrência desse fato é uma constante, revelando que o homem, ao retomar o tempo do mito, liberta-se de sua realidade a fim de recriar um mundo novo. Desse ponto, percebemos, então, o ser como capaz de transformar o tempo e o cotidiano, estando apto a criar e recriar, segundo suas necessidades, novas técnicas de sobrevivência, não se detendo, como se imagina, ao escasso processo de fantasiar e inventar histórias, mas, de procurar novos rumos, elaborando os ritos de maneira a buscar transformar verdadeiramente o mundo ao seu redor através do mito em que crê.

Dessa forma, através de seus rituais, o homem se eleva acima do seu próprio ser para construir-se maior e é essa elevação de si próprio que o torna contemporâneo de seu deus, dando-lhe a sensação de estar em um tempo de glória, cujos feitos são primorosos. Assim, segundo Eliade (1972, p.100): “A ‘realidade’ se desvenda e se deixa construir a partir de um nível ‘transcendente’, mas de um ‘transcendente’ que pode ser vivido ritualmente e que acaba por fazer parte integral da vida humana.”

Assim, partindo da ideia base sobre o mito, defende-se aqui, seguindo a teoria do autor, que a essência da palavra traduz a noção de crença. Nesse âmbito, nos detemos a esse conceito, uma vez que importa-nos tão somente reconhecer e explorar o objeto mítico relacionado à fé e ao imaginário de um povo. Para isso, é preciso que compreendamos como essa fé é inserida e passa a existir de maneira constante na sociedade, especialmente em determinados grupos. Verificamos, em outro trecho, que a tradição mítica é repassada de um homem a outro, mas, não um ser qualquer. O indivíduo que transmite a doutrina capaz de perdurar por gerações, precisa ser considerado superior aos demais, diferenciando-se desses pelo seu comportamento singular:

Em algumas sociedades, os recitadores são recrutados entre os xamãs e os médicos feiticeiros, ou entre os membros das confrarias secretas. Em todo caso, aquele que recita os mitos deve ter dado provas de sua devoção e ter sido instruído pelos velhos mestres. Ele é sempre alguém que se distingue, quer por sua capacidade mnemônica, quer pela imaginação ou o talento literário. (ELIADE, 1972, p.104).

O autor ainda esclarece que a criatividade religiosa dos pregadores foi essencial para o êxito da divulgação do mito. Conseguindo fundir à ideia original, concepções próprias, os profetas arrebanhavam o povo e introduziam na mente daqueles que, já tocados, de certa forma, pelas profecias anunciadas, a crença pretendida. Tais visões, porém, precisariam estar ligadas aos modelos já existentes para perdurarem e serem completamente aceitas pela comunidade, não podendo, dessa maneira, desligar-se completamente, as visões e profecias, daquelas já conhecidas e aceitas pelo povo, culturalmente.

De qualquer forma e, em resumo, para Eliade (2003), é essencial, antes de tudo, considerar o mito como uma história ligada ao sagrado e verdadeira, já que enfatiza fatos referentes à realidade, tendo assim, um papel fundamental para a vida humana. Portanto, a essência e a função do pensamento mítico é servir de maneira exemplar às atitudes do homem, guiando-lhe as portas de acesso direto ao sobrenatural, tendo como base um passado fundamental capaz de influenciar diretamente no seu futuro prodigioso.

1.2 MITO E MESSIANISMO

É de suma importância, considerando a ideia de mito acima citada, compreender o fenômeno a partir de movimentos essencialmente estruturados através da idealização de um ser mítico. É no Messianismo, corrente que tem como essência a idealização de um deus salvador que se evocado através de determinados rituais, surgirá para renovação da vida daqueles que o aguardam incessantemente, sendo capazes de tudo para viver em um mundo cheio de paz e felicidade que só o deus esperado é capaz de fornecer, que se encontra a essência da crença em um Ente Sobrenatural.

O termo messianismo, para Queiroz (2003), pertence à linguagem empregada segundo as descrições bíblicas e seu primeiro significado se deu através da religião israelita durante a interpretação de conceitos históricos. Porém, definir categoricamente a figura de um messias não era tarefa fácil, uma vez que, para distinguir um messias verdadeiro de um falso, os estudiosos precisavam classificá-los através das descrições bíblicas que elencavam que figuras

poderiam ou não ser consideradas messiânicas. Após diversas tentativas de classificação, considerando que o termo deveria abranger diferentes líderes de diversas religiões, chegou-se ao seguinte conceito considerado o mais aproximado:

O messias é alguém enviado por uma divindade para trazer a vitória do bem sobre o mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do paraíso terrestre, tratando-se pois de um líder religioso e social. O líder tem tal *status* não porque possui uma posição dentro da ordem estabelecida, e sim porque suas qualidades pessoais extraordinárias, provadas por meio de faculdades mágicas ou estáticas, lhe dão autoridade; trata-se, pois, de um líder essencialmente carismático. Assim, age graças ao seu dom pessoal apenas, colocando-se fora ou acima da hierarquia eclesiástica ou civil existente, desautorizando-a ou subvertendo-a, a ruptura de ordem estabelecida podendo ser breve ou de longa duração. (WEDER & ALPHANDÉRY *apud* QUEIROZ, 2003, p. 27, grifo do autor).

A partir dessa afirmação, observa-se que a visão de um líder puramente religioso é deixada de lado dando espaço a uma concepção bem mais ampla do papel que tal entidade deve exercer. Uma vez que, longe de ser um fiel seguidor dos padrões impostos pela sociedade, destaca-se por se mostrar essencialmente superior a tudo e a todos, exercendo forte domínio sobre seus súditos, já que estes acreditam em seus poderes extraordinários. Surge, daí, a concepção de líder como figura mítica, por ser considerado, por meio das crenças, como ser divino e digno, capaz de ressurgir por obra de milagre, para salvar seu povo que, por sua vez, o aguardava ansiosamente, desconsiderando qualquer análise lógica dos fatos. É nessa extremidade, entre deuses e súditos, superioridade e inferioridade que se fortalece a figura do mito.

Os movimentos têm sempre a mesma forma: “um indivíduo religioso é levado a profetizar; apresenta-se como a encarnação do verbo - anuncia os últimos tempos, - agrupa discípulos e investe-os de poder místico, - coloca-se, dessa maneira, acima da hierarquia eclesiástica”. (ALPHANDÉRY *apud* QUEIROZ, 2003, p. 29).

Conceber o messias como divindade esperada, é entender que um segundo ser exerce o papel de profeta, aquele que reúne o povo e organiza os rituais anunciando e exaltando a figura do esperado. Esse pregador denominado de “pré-messias” pode também ser o mesmo que aparece para pregar a própria doutrina e depois desaparece para voltar trazendo consigo tempos novos. Nessa mesma linha, Queiroz afirma, também, que os passos para a história do messias são os mesmos: eleição divina, provação, retiro e volta gloriosa, o que nos dá a ideia de que a constituição do elemento mítico é organizada e sistemática, e é essa noção que torna o fenômeno ainda mais concreto. Desse ponto, é preciso esclarecer também que a fé no mito se dá através

da aceitação sem julgamentos; o ouvinte toma conhecimento do fato e, simplesmente, entrega-se à crença na divindade.

Para o *homo religiosus*, a existência real, autêntica, começa no momento em que ele recebe a comunicação dessa história primordial e aceita suas consequências. É sempre uma história divina, pois os personagens são os Entes Sobrenaturais e os ancestrais míticos. (ELIADE, 1972, p. 68, *grifo do autor*).

Partindo desse conceito, é preciso buscar esclarecer em que ambientes o messianismo se estabelece. Em primeiro lugar, retornamos à imagem central que define o mito messiânico e às promessas de sua doutrina na concepção de Queiroz (2003), quando afirma que a utopia se sustenta na ideia de felicidade suprema que o mito expressa, estabelecendo a santidade e criando “o céu na terra”, uma vez que se prega o tempo de vida é a eternidade. Nesse sentido, na busca da felicidade e existência eterna, seus adeptos tentam precipitar essa vinda através de diversos movimentos “sócio-religiosos”. Partindo desse ponto, a autora apresenta os traços típicos das situações em que se dá esse tipo de culto, afirmando que ele surge a partir das insatisfações humanas em torno do modelo imperfeito de vida no mundo. Insatisfações estas que só podem ser sanadas através da pureza sagrada do sobrenatural. Um modelo de reino celeste com características terrenas, porém, perfeito e santo.

Como vimos, a ideia de mito como salvador surge sempre a partir das necessidades de um povo, necessidades tanto sociais quanto religiosas, e em diversas comunidades, inclusive pagãs. Desde as populações primitivas, o culto ao mítico era realizado, não importando quais figuras eram reconhecidas como messiânicas, já que importava tão somente o sentido da crença que pregava a espera por um salvador que retornaria “[...] para introduzir no mundo uma era regenerada e feliz”. (QUEIROZ, 2003, p.36).

1.3 BREVE DESCRIÇÃO DOS MOVIMENTOS MESSIÂNICOS PRIMITIVOS

Seguindo essa linha, Queiroz (2003) elenca três movimentos messiânicos, primitivos, mais pesquisados, explicando que os fatores pelos quais se deu seu surgimento são provenientes do contato com os povos de civilização ocidental. Tal contato estimulou o choque entre as culturas, causando a degradação daquela que tinha como estrutura conceitos rústicos, do ponto de vista tecnológico e estimulando, assim, as reações mais diversas sendo algumas delas de teor messiânico. Tais movimentos são separados nas seguintes categorias:

1. Os movimentos messiânicos entre tribos do oeste americano. Este primeiro se deu na região de Ohio, denominando-se de Dança do Profeta, em 1762, após a ocupação desse território, ressurgindo por diversas vezes, até a tomada total da zona pelos brancos. Seguem-se, posteriormente a este, diversos outros; abrangendo as tribos da região da Colômbia, criou-se o profeta Smohalla, em 1870; as Ghost Dance Religion, formada em duas etapas, uma contemporânea de Smohalla e a segunda em 1890, liderada pelo pai de Wovoca (o grande messias de duas décadas mais tarde). Algumas tribos pregavam a aniquilação dos brancos, pois acreditavam, dessa forma, acelerar o retorno dos antepassados e tais ameaças criou entre os grupos de brancos e índios conflitos sangrentos. De toda forma, os indígenas, apesar dos conflitos sangrentos, traziam na sua cultura traços dos hábitos do branco.

Os indígenas que habitavam a localidade de Lower Lend tinham uma administração branca que lhes deu a assistência necessária, sem imposições contrárias ao seu modo de vida [...] e a Ghost Dance entre eles não tomou forma declaradamente antibranca, a volta dos antepassados traria o paraíso terrestre de maneira tão favorável que o futuro é esperado com otimismo. [...] Tanto num quanto noutro caso, as doutrinas reuniam elementos das duas culturas, a branca e a indígena; eram sincréticas. (NASH *apud* QUEIROZ, 2003, p.56).

2. Os movimentos messiânicos africanos; ocorridos principalmente na África do Sul e na África Central, nas chamadas Igrejas Negras, tinham o aspecto de seitas que se multiplicaram subdividindo-se sucessivamente, por conta da dominação branca e de padrões zulus. O negro, porém, era impedido de executar liderança em qualquer que fosse o setor, fora ao religioso, uma vez que o branco o tornava submisso em relação aos demais campos de atividades sociais. “Justamente nessas regiões a cristianização foi mais intensa, a discriminação racial tomou maior relevo, e a economia moderna se implantou devido a existência das minas”. (BALANDIERN *apud* QUEIROZ 2003, p. 58).

3. Os movimentos messiânicos ocorrem, em maior quantidade, nos últimos tempos, desde o século XIX, abrangendo da Nova Guiné até as ilhas Loyalty. Com dois tipos de comunidades predominantes, as estratificadas e as igualitárias, sendo a primeira dividida em dois níveis: a de nobres e a de plebeus incluindo divisões internas, enquanto na segunda a situação é mais democrática, optam seus integrantes por não terem um líder. Alguém que se projete acima dos demais é tido como um ponto negativo. Os movimentos messiânicos, em ambas as comunidades, ocorreram independentemente de sua estrutura interna. Em geral, essas

comunidades acreditam em um mito capaz de levá-las a um paraíso numa ilha distante na qual seus antepassados vivem exatamente igual à existência na terra.

Dessa forma, verifica-se que os movimentos messiânicos existentes desde os primórdios, configuram-se como doutrina de fé que tem como base a esperança do homem em um mundo melhor. É, portanto, a partir de sua introdução em determinados grupos que surge a ideia de organização e de conscientização de seus membros em relação a como devem proceder para colher os frutos prometidos. É certamente essa união que fortalece a coletividade fazendo com que, na maioria das vezes, essa comunidade adquira a autonomia para criar suas próprias regras.

[...]. Justamente porque contém “ideias muito definidas” de como sanar as imperfeições, o messianismo não é crença passiva e inerte de resignação e conformismo; apontando para a possibilidade de um futuro melhor, pode levar- e em certas circunstâncias leva- os homens a se congregarem para conseguir, por meio de ação, os benefícios que almejam. (QUEIROZ, 2003, p. 37).

É, dessa forma, através do empenho do grupo que se consolida a comunidade messiânica cujo eixo gira em torno de rebeliões, e é exatamente o seu fortalecimento que acaba por despertar o receio em grupos considerados como detentores das leis e das ordens na sociedade. Especialmente em governos e entidades religiosas. E é nesse contexto que se inicia a perseguição e repreensão dos movimentos. Isso fez com que houvesse, entre os grupos, um ambiente de hostilidade no qual os perseguidos instituam como base de sobrevivência, ideais revolucionários.

1.4 MOVIMENTOS MESSIÂNICOS NA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

Tais movimentos originaram-se, segundo Queiroz (2003), desde a Idade Média, tendo como princípios a religião e a civilização cristã, transformando-se, em alguns casos, em seitas prolongadas por muito tempo e, em outras ocasiões, durando apenas, temporariamente. Analisados sociologicamente, segundo a autora, os dados colhidos dão conta daqueles ocorridos nas organizações feudais e no século XIX. No primeiro, seguindo as crenças da Idade Média, na qual as correntes messiânicas tiveram grande ocorrência, de que o fim do mundo estava próximo, e logo, o juízo final, instalaria um reino glorioso fazendo da terra o paraíso sonhado.

Uma grande variedade de pensadores religiosos, seguindo a interpretação de um historiador, passou a calcular, então, quando se daria essa implantação.

Nesse sentido, a autora cita três movimentos de bases messiânicas, um ocorrido em 1224, relacionado à morte de Balduíno IX, chefe da IV cruzada, assassinado em batalha, e o outro em 1273, partindo do fortalecimento da lenda de Frederico Barba-roxa, desaparecido, também, em uma cruzada. A autora dá, porém, maior relevância ao Sebastianismo português, por ser este, segundo sua concepção, o mais ‘puro’, por não ter a diversidade de implicações sociais dos dois primeiros. Iniciado em 1530 através do sonho de um sapateiro, Bandarra, judeu que pregava em versos a chegada de um príncipe salvador que viria para redimir o povo, renovando assim, a esperança de ver recuperada a autonomia portuguesa. Foi nessa atmosfera, também, que alguns messias surgiram aproveitando-se das trovas do sapateiro.

Porém, foi a morte de D. Sebastião, jovem rei, no ano de 1578, em Alcacer-Kibir, tendo como efeito a passagem da coroa portuguesa para o domínio Espanhol, que instituiu na nação portuguesa e em seguida, a outras nações, o Sebastianismo. Crença messiânica baseada na esperança da volta de um rei encantado após uma batalha. Nesse contexto, nobreza, clero e povo empreendem sucessivas tentativas de encontrar entre as figuras reais a imagem do encoberto. Em síntese, fazendo uma verificação geral sobre os indivíduos e o contexto que caracterizavam o messianismo ocidental:

Apesar do seu aspecto predominantemente político, não falta a esses movimentos a coloração religiosa. O pseudo-Balduíno é ao mesmo tempo um eremita e um enviado divino; prega a princípio, mas, ao empunhar o cetro, nem por isso deixa de lado os atributos de penitente; sua luta contra os franceses toma o aspecto de cruzada piedosa dirigida por um chefe sagrado contra os perversos. [...]. Chama a atenção também o fato de serem eles sempre reencarnações de figuras heroicas que se tornaram lendárias (Balduíno, Frederico barba-roxa e D. Sebastião), e não reencarnações de Cristo ou de santos. Estas figuras heroicas pertencem, exclusivamente, à nação em cujo seio se realiza o movimento; nelas se incarna a imagem ideal do príncipe, cercando-o as esperanças de futuras galas nacionais. (QUEIROZ, 2003, p.102).

Partindo desses dados, torna-se ainda mais nítida a ideia de que o personagem messiânico é um ser que precisa, necessariamente, ter tido uma história que o reafirme como capaz de chefiar o seu povo levando-o ao progresso, uma vez que é este líder uma figura heroica cujos feitos passados o tornaram conhecido e respeitado em sua nação ou além dela. Também, nesse ponto, é necessário observar que, tendo em vista que as sociedades feudais eram divididas hierarquicamente entre senhores, detentores de grandes poderes, e servos que viviam em situações caóticas, as comunidades messiânicas ganhavam cada vez mais adeptos provenientes

de camadas inferiores da sociedade nas quais seus líderes se originavam igualmente das mesmas camadas, porém, eram sempre figuras com certos traços que os distinguiam dos demais.

Quanto aos movimentos do século XIX, como afirma a autora, são estes provenientes de diversas comunidades religiosas de cunho comunista nos Estados Unidos, bem como, na Itália, por meio da formação de um movimento mais recente em forma de seita. Essas comunidades são constituídas a partir da fuga da região europeia a qual acreditavam ter se transformado no “reino do Anticristo”. As comunidades messiânicas desse século tinham como ponto chave de suas reivindicações as religiões pelo fato de estas terem, na sua concepção, se aliado ao estado.

Descontentes com as condições de vida de seus países de origem- Alemanha, Boêmia, Holanda, Suécia, Inglaterra- a América atraiu-os, terra nova onde inauguraram um reino divino. E enquanto na Idade Média profetas e messias tinham peregrinado de um sítio ao outro em busca do lugar ideal para estabelecer a Nova Jerusalém, estes novos profetas atravessaram o oceano com seus fiéis, numa viagem que toma o aspecto de êxodo sagrado. No novo mundo era possível criar realmente um mundo novo e santo: ‘estabeleciam o reino de Deus não num passado morto, mas na vida presente...’, e realizavam o ideal de viver santamente nesse mundo profano. (QUEIROZ, 2003, p. 115).

Dessa forma, verifica-se, em tais correntes, que a razão maior que move seus indivíduos é a esperança, pois, ao se deslocarem de uma terra para outra, carregam consigo não apenas a fé em um Deus determinado, mas, acima de tudo, a busca de uma terra nova e distante, lançam-os, assim como seus antepassados, numa jornada sagrada rumo a uma vida renovada. É um mundo novo que se revela e que, embora terreno, é consagrado pela espera de um messias que apesar de ainda não estar fisicamente entre eles, é carregado constantemente em suas utopias.

Em resumo, cabe ressaltar que, em geral, os movimentos messiânicos são provenientes das necessidades de um povo de restabelecer condições sociais que lhes foram negadas. E assim, como forma de reação, seus adeptos se organizam e transformam sua realidade, pelo menos no aspecto utópico. De toda forma, estes movimentos devem ser encarados do ponto de vista que os identificam como mobilização real, validada pelo aspecto revolucionário do qual provém não apenas a esperança de um povo, mas, antes de qualquer coisa, seu teor visionário e contestador.

1.5 MESSIANISMO NO BRASIL

Queiroz (2003) divide os movimentos messiânicos brasileiros, basicamente em dois tipos de população; a população indígena e a população rústica, enfatizando que o conceito de messianismo no Brasil, desde sempre, foi rotulado como ‘fanatismo’, ‘loucura religiosa’, ‘abusões do povo’ e superstição. Marcado pela discordância entre seus princípios e os da igreja que cultuava a religião oficial, o messianismo brasileiro se caracteriza pela diversidade de ritos e cerimônias, uma vez que a população que o compunha era oriunda da mistura de diferentes etnias.

Proveniente das aclamações de profetas indígenas que se diziam reencarnações de heróis tribais, saindo a pregar nas aldeias ensinamentos diversos, principalmente entre os tupi-guaranis, no início da colonização, o messianismo primitivo tinha como característica, também, a migração indígena de uma região para outra, em busca de uma terra sem males. Tais movimentos de migração em busca do paraíso terreal datam de várias tentativas, em diversas regiões. Para melhor esclarecer a autora elenca aqueles que ocorreram desde os anos de 1539, data da primeira manifestação conhecida, até o século XIX, extinguindo-se antes do início no século XX.

Todos os movimentos ocorridos em aldeias e povos indígenas diversos, cujas tradições caracterizam a invocação de entidades através de caciques-feiticeiros, ou em outros casos, com mais características de messianismo propriamente dito, como ocorreu com os caraíbas e os movimentos de santidade, estes últimos já liderados por indígenas que após o contato com as missões, foram educados ou se converteram a correntes cristãs, surgiram a partir do contato com o branco, passando a viver de forma subordinada aos seus colonizadores, perdendo, assim, sua autonomia.

Quanto aos movimentos rústicos, segundo Queiroz (2003), se caracterizam por estarem ligados ao ambiente rural, iniciando-se desde o século passado e sobrevivendo ao tempo. A autora expõe em seu texto aqueles que foram relatados através de pesquisas, porém, acredita que tenham havido, ainda, outros não registrados. De uma forma e de outra, vale ressaltar que todas as manifestações rústicas, conhecidas, foram combatidas de forma violenta. Analisados de forma cronológica, aborda-se aqui o messianismo rústico, partindo de um dos mais conhecidos e estudados: o sebastianismo. Crença esta que teve seu lugar no imaginário brasileiro antes mesmo das manifestações messiânicas propriamente ditas. Oriundo de Portugal, o sebastianismo foi no Brasil uma das correntes religiosas mais influentes, servindo de base para dois outros movimentos.

Tendo como inspiração as trovas do sapateiro Bandarra, como já foi discutido aqui, as quais profetizavam a vinda de um príncipe que daria a Portugal o domínio de todas as nações, uma vez que o país passava por um momento de grande insatisfação interna, e após uma disseminação de messias irrompida nesse contexto, o sebastianismo surgiu como crença messiânica no Brasil, na colonização, momento que coincidia com a época de conturbação da nação portuguesa, através de figuras que conheciam as profecias do sapateiro. Cinquenta anos depois, dando ênfase às narrativas de Bandarra, o Padre Antônio Vieira e um autor desconhecido pregavam a mesma crença, porém, acreditando o padre que o encoberto seria D. João IV, enquanto o segundo autor ressaltava que o esperado seria D. Sebastião.

Ainda segundo Queiroz (2003, p. 220), a imagem que prevaleceu, como a do messias esperado, foi a de D. Sebastião, o príncipe encantado que, segundo a fé do povo, traria à comunidade, além de outras graças, muita riqueza. “[...] A figura de D. Sebastião é, pois, a de um monarca de magnificência oriental, a distribuir bens às mancheias”. Diante desse quadro de fé, dois movimentos se consolidaram como principais. O primeiro, denominado de paraíso terrestre, comandado por Silvestre José dos Santos, denominado profeta e peregrino, ex-soldado do décimo segundo batalhão de milícias, no monte Rodeador, no estado de Pernambuco, por volta de 1817.

Após peregrinar por Alagoas e Pernambuco, forma um vilarejo com seus seguidores e constrói uma capela, alegando conversar com uma santa profetiza a volta de D. Sebastião, que sairia de dentro de uma pedra com seu exército, trazendo riqueza e segurança aos habitantes do paraíso terrestre. Apesar de analfabeto, Silvestre consegue por seu conhecimento religioso e as profecias que fazia questão de mandar divulgar, uma legião de seguidores que vindos, na maioria das vezes, das camadas mais baixas da sociedade, viam, no movimento, uma oportunidade de libertar-se de seus opressores. O paraíso terreal durou até o dia 25 e outubro de 1820, data em que foram massacrados pela força do governo todos os seus membros.

O segundo movimento mais importante desse período foi o movimento do Reino Encantado, quando na comarca de Flores, Pernambuco, em 1836, um mameluco chamado João Antonio dos Santos, começou a pregar a volta de D. Sebastião, que traria muita glória e riqueza para os seus adeptos. A notícia sobre estas profecias percorreu por toda a região e a seita foi dessa forma ganhando inúmeros seguidores. Porém, obedecendo aos conselhos de um padre, João Antonio dos Santos abandona seu propósito que dois anos mais tarde é retomado por seu cunhado, João Ferreira, que reinicia as pregações apontando como portas do Reino Encantado,

duas grandes pedras de formato peculiar. Quase trezentos seguidores surgiram para ouvir Antonio Ferreira pregar com uma coroa à cabeça, já que se intitulava rei daquele grupo.

O povoado do reino encantado se constituía, também, de gente do povo em busca de um paraíso terreno, estando dispostos a tudo para desencantar D. Sebastião, inclusive contribuindo com o ritual, dando seu próprio sangue, uma vez que, segundo Antonio Ferreira, essa era uma das exigências para o desencantamento. Dessa feita, foram decapitados homens, mulheres e crianças, a fim de lavar com sangue as pedras e abrir as portas ao rei encoberto. Os rituais aconteciam, sempre, em meio a grande alvoroço, regado a sangue e sob o efeito de uma beberagem de um vinho feito pelo chefe que, contando com a ajuda de um indivíduo conhecido por Frei Simão, realizava orações e casamentos dos quais ele tinha o privilégio de ‘dispensar’ a noiva.

Após muita matança, o movimento foi denunciado por um dos próprios seguidores sendo combatido e exterminado por um contingente que perdera na luta, também, além de alguns homens, o chefe do destacamento. Após uma luta travada entre homens e mulheres que tentando resistir à investida, gritavam vivas a D. Sebastião e entoando ladainhas, o Reino Encantado teve fim em 17 de maio de 1838, ficando marcado, como enfatiza Queiroz (2003), como um dos mais trágicos movimentos messiânicos brasileiros.

Seguindo esta linha, a autora cita ainda como correntes messiânicas mais conhecidas, o Império do Belo Monte, comandado por Antonio Conselheiro, um dos messias brasileiros mais estudados. Membro de uma família cearense conhecida por sua coragem, o antes romeiro, após uma vida de peregrinação, começa a ser conhecido entre o povo pela forma humilde de ser e as pregações, muitas vezes também por realizar curas milagrosas. Funda na Bahia um arraial denominado de Belo Monte, onde se instalou com seus seguidores e passou a viver de rezas e doações.

Pregando um reino de bem - aventura através de seus sermões que tinham muitas vezes como tema principal a volta de D. Sebastião que, segundo ele, introduziria no mundo o paraíso terrestre, o conselheiro induzia seus fiéis a repudiar a República e acreditar, como forma de libertação, tão somente nas pregações que tinham como foco principal a volta de um reinado divino e prodigioso. Para tanto, era preciso que todos vivessem de forma humilde, abdicando da riqueza, do luxo e de toda a vaidade. Após anos de existência e muitas vitórias contra tropas combatentes do governo federal, o arraial do Belo Monte, ou Canudos, como é geralmente conhecido, foi também exterminado violentamente, tornando a figura de Antonio Conselheiro uma das mais conhecidas do país.

Seguindo-se a estes, alguns outros movimentos continuaram ocorrendo, porém, menos conhecidos, a exemplo de Os Santarrões', no Rio Grande do Sul; A Cidade Santa, no Ceará; A Guerra Santa, em Santa Catarina; O Beato do Caldeirão e o 'Circo' dos Santos, a partir da atuação de dois santos, reconhecidos pelo povo, Padre Cicero, no Nordeste e João Maria, no Sul; O povo do Velho Pedro, no interior de Alagoas, Sergipe e Pernambuco.

Basicamente, o fenômeno messiânico brasileiro tem como ponto chave os mesmos princípios dos demais; a busca do homem a um mundo novo, a uma felicidade desconhecida e almejada. Nesse sentido, as comunidades interioranas, principalmente, formadas a partir de um conceito religioso oriundo do catolicismo, viam, no Messias escolhido, a porta de entrada para a vida digna que a precariedade real de sua existência lhes negava. Submetidos a todo o tipo de exploração, buscavam se agarrar a qualquer esperança de mudança.

Era mais do que natural, era legítimo, que esses homens sem terra, sem bens, sem direitos, sem garantias, buscassem uma "saída" nos grupos de cangaceiros, nas seitas dos "fanáticos", em torno dos *beatos e conselheiros*, sonhando a conquista de uma vida melhor. E muitas vezes lutando por ela a seu modo, de armas nas mãos. Eram eles o fruto da decadência de um sistema econômico social que procurava sobreviver a si mesmo. (FACÓ, 2009, p. 31, grifo do autor).

Para Facó (2009), os movimentos messiânicos brasileiros originaram-se da decadência do sistema econômico que impede o desenvolvimento das regiões rurais, principalmente. Este atraso traz, como consequências centrais, o distanciamento dos meios essenciais à sobrevivência, causando a subsistência do homem do campo que, vendo-se sem espaço para progredir, se vê obrigado a reagir.

Ao traçar o perfil dessas correntes messiânicas brasileiras, Queiroz (2003) nos revela um cenário que caracteriza, quase sempre, os mesmos padrões, se distinguindo apenas, em alguns detalhes, uma vez que, iniciando-se sempre a partir das mesmas razões, a decadente posição social que ocupam seus integrantes, terminam praticamente da mesma maneira, reprimidos e exterminados pelas camadas mais poderosas da sociedade. É preciso, dessa forma, que a visão geral em relação a esses movimentos, no Brasil e no mundo, passe de uma concepção que os reconheça como meros retratos de motins subversivos a um conceito mais apropriado da situação, percebendo-os como uma realidade que, acima de um pedido de socorro, foi um ato de liberdade.

Ao contrário do que pensavam os países colonialistas e seus diferentes governos, determinadas comunidades messiânicas poderiam constituir- e

constituem- um ponto intermediário que torna menos violentos os choques determinados pelas modificações sócio-estruturais. No entanto, os germes de nacionalismo e de subversão da ordem que encerram, fizeram com que fossem constantemente classificados como nocivos e guerreados sem quartel. É que países colonialistas e governos nem sempre têm em mente as melhorias da condição de vida das populações e sim, e muito mais, a defesa de suas posições sociais respectivas. (QUEIROZ, 2003, p.382).

Em suma, partindo da concepção que analisa as comunidades messiânicas do ponto de vista da transformação social, a autora esclarece que, partindo de uma análise geral, é preciso considerar o messianismo como uma forma de organização que embora tenha meios próprios de se estabelecer, é criada no intuito de buscar uma solução que atenda às reivindicações de uma coletividade, sendo que, portanto, imaginá-las como meros instrumentos de conflitos usados para fins subversivos, é negar sua capacidade de se estruturar como civilização e a consciência social que as rege.

1.6 A ESSÊNCIA DO MESSIANISMO: TENTATIVA DE DEFINIÇÃO

Pesquisas realizadas ao longo do tempo e em uma grande variedade de comunidades, apontam para os mais diversos sentidos que as correntes messiânicas trazem em seu contexto. Todavia, encontrar uma resposta que consiga resumir sua essência é uma tarefa ainda não realizada com sucesso, embora os estudiosos reconheçam que os movimentos se distinguem em determinados campos, e os fatores dos quais se originem sejam praticamente os mesmos. Cada cultura exerce seus rituais de maneira singular, de acordo com suas tradições, mas, cada civilização pode assumir traços de civilizações adjacentes, sem no entanto, se igualar a esta, como frisa Queiroz (2003). E é a partir desse princípio que, segundo a autora, se encontra a dificuldade de classificação das comunidades messiânicas em relação a quais fatores são, realmente, determinantes para suas práticas. Embora tenham havido diversas tentativas para se chegar a um denominador comum, ainda são considerados falhos os resultados das pesquisas empreendidas em torno da definição concreta das causas determinantes à busca do messias.

Assim, apesar da busca constante de definir o mito e as correntes que o concebem, são cada vez mais recorrentes as visões de autores que preferem embasar seus estudos na direção da complexidade que envolve as tendências míticas e suas manifestações, pois, compreendem tais autores e nos fazem também compreender que, o objeto mítico não abriga em si, uma resposta concreta para as indagações de estudiosos, mas, parecem estabelecer, cada vez mais, barreiras intransponíveis à conclusão de seu conceito original. É a partir da consciência de tal

complexidade que Cassirer (1992), resume, em linhas gerais que, embora o homem seja capaz de definir, em certos pontos, alguns traços que envolvem a concepção da estrutura mitológica, enquanto ele não for capaz de demonstrar o objeto do qual ela se realiza “total e originalmente”, a realidade mítica não poderá ser compreendida verdadeiramente.

Por conseguinte, só pode permanecer insuficiente e unilateral toda teoria que crê ter descoberto as raízes do mito, ao indicar determinado círculo, de onde ele teria saído originalmente e a partir do qual teria continuado a expandir-se. Há, como sabemos, uma profusão de tais explicações, uma multivariada de teorias sobre o verdadeiro cerne e origem da formação mítica que, em si, mal chegam a ser menos variadas que o próprio mundo empírico dos objetos. (CASSIRER, 1992, p.24).

Segundo esta visão, Cassirer (1992) concorda com Queiroz (2003), afirmando o quão complexa é a conceituação total do objeto mítico. Trata o autor, então, de buscar como foco geral de sua análise, não o objeto em si, mas o seu tratamento em relação à forma como o homem lida com ele, não de maneira a entendê-lo profundamente, mas de modo a vivenciar sua função do ponto de vista religioso.

Em suma, como já vimos, o conceito de messianismo está diretamente ligado à perspectiva do objeto mítico, sendo dessa forma, sujeito a diversas interpretações sem obter em si, uma conclusão definitiva, pois, como relata Eliade (1975, p. 9): “O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares”. Definir, então, a ideia geral de messianismo seria retirar de seu contexto o elemento que o torna essencialmente mágico e cativante, dando-lhe a conotação banal de objeto comum, já que, é através dos mistérios que envolvem o messias, retratando-o como ser divino e sobrenatural, que o homem se propõe a cultuá-lo de maneira tão efetiva. É essa magia, principalmente, que cativa a fé e conduz os seres a uma visão transcendente do mundo que habita.

2 ARIANO SUASSUNA E O ROMANCE REGIONALISTA

Analisar a obra de Suassuna e em especial o *Romance A Pedra do Reino*, é entrar em contato direto com a cultura do povo nordestino, pois, o autor retrata incansavelmente a imagem do Nordeste em todos os seus ângulos; da terra árida ao homem astuto, guerreiro e forte, da vegetação singular aos animais mais característicos, fazendo-nos descobrir a cada novo detalhe que nos é revelado uma face nova do ambiente que julgávamos já conhecer. Através de sua imaginação fértil e fantasiosa, o autor consegue transformar o ambiente comum em um mundo maravilhoso no qual um emaranhado de acontecimentos fabulosos marcam o contexto da ação na obra, fato comum aos demais escritores se não fosse o detalhe fundamental que diferencia sua abordagem das demais. Há no sertão que Suassuna nos apresenta as mesmas dificuldades e sofrimento já relatados nas abordagens consideradas realistas do romance de trinta, porém, sem tirar os pés do chão, sua literatura persegue e demonstra, nesse mesmo sertão, o fascinante mundo dos sonhos.

O regionalismo dá-se na obra de Suassuna, assim, de maneira singular, o que significa que apontar um termo que especifique a estrutura textual de seu romance como regionalista é tentar reduzir a um padrão apenas a diversidade de seu discurso. Uma vez que, diferente de todos os escritores que se destacaram na literatura tematizada pelo viés regionalista do Nordeste brasileiro, que embora abordem, de alguma forma, a utopia em seus textos, o ponto de partida é sempre ou, na maioria das vezes, a seca e o sofrimento do homem que se vendo obrigado a retirar-se, segue um caminho incerto rumo a novas terras nas quais deposita a fé de uma vida melhor, Suassuna busca transformar o sofrimento em fantasia tratando a realidade do homem de maneira transfigurada, tornando-o capaz de viver e sonhar feliz, sem sair do seu sertão, mas, pelo contrário, enraizando-se nele, ainda mais, para compreendê-lo e de alguma forma transformá-lo.

Tendo em vista a ideia central no romance de Suassuna, cujo teor principal é a representação de um sertão transfigurado, verificamos que, embora exista no autor um ideário de tornar superior a imagem sertaneja que recria, sua consciência quanto à realidade que o cerca é por demais recorrente, pois, é só através da consciência em relação à verdadeira face do mundo ao seu redor que ele pode modificá-lo e melhorá-lo. Diante disso, é importante frisar que a base de sua obra se caracteriza por meio de uma estética transformadora e idealizada, o que torna o teor de seu discurso ainda mais fascinante.

Quanto à estrutura representativa do regionalismo em sua obra, podemos ressaltar a incansável abordagem das literaturas populares, tais como, as lendas do imaginário do povo

sertanejo, repassadas de geração em geração, bem como a literatura de cordel, tema constante em *A Pedra do Reino*. Dessa forma, retomando tais temas, o autor usa como pano de fundo de sua criação todas as tradições populares contadas e recontadas através de seu personagem principal, Quaderna, que, inspirado por estas narrativas, conta sua história e os feitos dos heróis sertanejos de maneira poética e entusiasmada. O autor, através de seu personagem, resgata no sertão as tradições medievais, tornado o território e em especial a vila de Taperoá, no sertão da Paraíba, um reino no qual não faltam nem castelos, nem reis, nem príncipes, nem damas ou cavaleiros. Tudo isso retirado de uma construção antiga de fazenda, um cantador de viola, um filho ou filha de fazendeiro, um vaqueiro astuto ou um cavalo franzino.

No romance de Ariano Suassuna, a simples menção à figura de um cavalo e a do cavaleiro é suficiente para deslanchar toda uma visão idealizada do espaço rural sertanejo, projetada por um narrador afeito a ouvir desde criança os folhetos de cordel e os ‘velhos romances’ medievais. (FARIAS, 2006, p. 298).

Tomando como partida tais afirmações, compreendemos então, que o regionalismo em Suassuna vai além da prática literária que busca enfatizar de modo banal a cultura de um povo de determinada região. Ele executa o que há de mais extraordinário na escrita, que é a coragem de criar suas próprias regras transfigurando o comum, porém, sem perder de vista a clareza e originalidade de seu texto. Dessa forma, o conteúdo que apresenta é capaz de alcançar diversos tipos de leitores, desde o mais simples, por se reconhecer através da descrição do homem ali retratado, quanto o mais letrado, por encontrar nas ideias do autor, uma diversidade de assuntos tratados da maneira mais coerente e refinada possível.

Nesse sentido, o autor demonstra que para retratar o Nordeste não é preciso enfatizar a seca na sua forma mais degradante nem o homem sertanejo como um miserável incapaz de viver dignamente, uma vez que, ao abordar tais temas, terra e homem, o faz de maneira a exaltar as qualidades de um e de outro sem condenar tão somente a terra à culpa da condição de vida do homem ou tratar esse homem como uma vítima fatal da terra. No seu romance, o sertão exposto não é aquele capaz de criar miseráveis, mas sim, o capaz de servir ao seu habitante, como berço de força e determinação, fundindo-se nele como se um e outro fossem a mesma criatura.

É nessa perspectiva que Suassuna busca, em *A Pedra do Reino*, tratar da forma mais fiel possível a realidade de um povo, destacando de maneira especial as particularidades do cotidiano de cada indivíduo a fim de exaltar na obra, não apenas um emaranhado de fatos sociais, mas, acima de tudo, a situação do homem que luta para sobreviver à sua realidade sem

a mínima certeza do futuro, tornando-se assim, um súdito nas mãos do destino, relegado a uma condição que o torna sempre vulnerável diante dos mistérios provenientes do sagrado, estando portanto, livre para ser no seu chão, o que quiser em sonho e em vida, ao mesmo tempo que se sente aprisionado por não saber decifrar o que lhe aguarda depois. “É um grande poema, da prisão e do exílio no mundo, de confronto com a morte, da arte entendida como possibilidade de salvação, e de resgate do perecível e do trágico do existir.” (CÉSAR, 2015, p.160).

Assim, o sertão que encontramos nesse romance é antes de qualquer coisa o berço do místico, da fé em um Messias e em tudo que representa, aos olhos do povo, um mistério indecifrável e divino. A força que atrai e impressiona o homem ao ponto de torná-lo discípulo fiel, surge da esperança em um mundo diferente e bom, acolhedor e seu, farto e sertanejo, sua casa, sua terra e seu reino. É a dignificação suprema da terra árida e poeirenta, cinza e singular. O sertão nordestino narrado de maneira poética, representado pela bravura e a soberania, acima da seca e da fome.

O personagem central da obra, embora não seja um exemplo de herói condecorado por feitos de bravura, carrega consigo o orgulho dos atos de seus antepassados que, embora marcados por sangue e violência, são, para ele, modelo de força e dignidade. Assim, o homem que Suassuna retrata no romance, embora padeça dos mesmos males que os sertanejos, tantas vezes representados por outros autores, do romance de trinta, por exemplo, tem como diferencial a força do sonho que provoca a idealização mágica da realidade que o cerca. Transformando dessa forma, o vaqueiro sofrido e explorado em um cavaleiro valente e honrado, um poeta popular em grande cantador e a terra em que nasceram, em um reino fecundo e nobre.

Cria-se então, a partir do desdobramento do enredo, um novo e desejado mundo e dele surge, inevitavelmente, o mito que assume nessa sociedade um papel de suprema relevância, consagrado e respeitado pela comunidade em que atua ou atuou, ao qual são atribuídos deveres e até milagres que vão se espalhando entre o povo que, crente e fiel, cultua e dignifica ainda mais sua imagem. Torna-se o sertão, portanto, o território fabuloso de uma fidalguia enigmática e peculiar, surgida até das camadas mais humildes da população.

Romance-enigmático de crime e sangue, no qual aparece o misterioso Rapazdo-Cavalo-Branco. A emboscada do lajedo sertanejo. Notícia da Pedra do Reino, com seu castelo enigmático, cheio de sentidos ocultos! Primeiras indicações sobre os três irmãos sertanejos, Arésio, Silvestre e Sinésio! Como seu Pai foi morto por cruéis e desconhecidos assassinos, que degolaram o velho Rei e raptaram o mais moço dos jovens Príncipes, sepultando-o numa Masmorra onde ele penou durante dois anos! Caçadas e expedições heroicas nas serras do Sertão! Aparições assombratícias e proféticas! Intrigas,

preseçadas, combates e aventuras nas caatingas! Enigma, ódio, calúnia, batalhas, sensualidade e morte. (SUASSUNA, 2014, p.26).

Dessa maneira, o romance *A Pedra do Reino*, traz como principal característica uma abordagem singular do homem e do espaço em que ele vive, em relação ao Romance regionalista tradicionalmente ligado a uma narrativa com traços naturalistas no qual, parece prevalecer, enfaticamente, a demonstração de uma realidade social que evoca a dureza da vida e a batalha do homem contra o homem e contra, muitas vezes, a sua terra. Suassuna, embora reconhecendo as dificuldades enfrentadas pelo sertanejo, trata em seu texto das partes talvez mais importantes da existência humana; o sonho e a fantasia, na luta contra a aspereza fatigante da vida real. No romance, encontramos a mesma gente sofrida e o mesmo solo seco, porém, transformados através da imaginação do personagem- narrador, Quaderna, em cavaleiros e reino. A utopia como força capaz de romper a dureza do cotidiano é incansavelmente abordada, o que faz da obra não apenas um mero texto de ficção mas, também, um incontestável símbolo de redescoberta da esperança.

Em suma, o Nordeste relatado pelo autor de *A Pedra do Reino*, contraria, em muitos aspectos, aquele apresentado pelo romance regionalista de trinta, principalmente, no que diz respeito a marginalização da imagem do território e da gente sertaneja. Uma vez que ao traçarem uma linha de pensamento imutável que tratava a pobreza e a injustiça social de um ponto de vista sempre voltado para o tema da seca, tratada como fenômeno responsável pela miséria constante, os autores criavam um perfil clássico e degradante da região, como demonstra Albuquerque (2001, p.122) ao afirmar que:

Nordeste onde qualquer quadro é marcado pela presença do sol. “Sol carrancudo tremeluzindo em círculos de fogo, as cacimbas dessedentas, a lua de cara vermelha e congestionada, o incêndio no céu, o horizonte que crepita”. Estes romances traçam um “painel do inferno”, uma paisagem desértica, crestada, ressequida, desnudada. Imagens de um Nordeste que parece naturalmente condenado às cinzas, à desolação, ao martírio e à dor, cujos personagens têm destinos marcados, por esse encontro, com a desgraça irrecorível, com um mundo de fatalidades, mas também com um mundo de injustiças sociais cometidas pelos novos grupos dominantes, que deixam de exercer, neste momento, a proteção paternalista que os antigos senhores sabiam fazer.

Nesse aspecto, em comparação ao trecho acima citado, identificamos no sentido romanesco da obra de Suassuna uma suma de fatores que justificam o diferencial de seu projeto enquanto autor do romance em questão, a começar pelo tema nuclear da narrativa: o messianismo evocado pela esperança de uma gente de trazer de volta D’Sebastião, o encoberto.

Tema esse que embora já tratado em obras anteriores, ganha em *A Pedra do Reino* um aspecto particular: o Sebastião encantado é o símbolo maior de um ritual que tem como significado nuclear não apenas o fanatismo desvairado de um povo, mas a demonstração fiel da busca de uma realidade melhor através do sonho. Sonho que é capaz de revelar, acima de tudo, a coragem dessa gente de tentar, de todas as maneiras, escapar de uma realidade que a condena a viver subjugada e oprimida.

Para tanto, *A Pedra do Reino* se apresenta não como uma ficção demasiadamente subjetiva e apenas utópica, não se trata apenas disso. Ao revelar o sertão, sua gente e seus costumes, o autor se apegua à imagem do mito, porém, não se distancia da aridez e nem dos problemas enfrentados pelos nordestinos, como uma síntese, observamos no regional de Suassuna, os dois lados da terra e do homem. Diferente do que encontramos na obra regionalista de José de Alencar cujo foco se detém na exaltação demasiada, em muitos aspectos, do personagem central, dando-lhe traços de superioridade que não lhes pertencem, como frisa Coutinho (2007, p. 201) ao revelar que: “Já se assinalou que o índio de Alencar era um europeu de tanga e tacape”. Suassuna apresenta-nos um herói feito de carne e osso, errante e imprudente, e até mesmo, como é o caso de Quaderna, seu personagem central, de certo modo, covarde e vacilante.

Assim, ao contrário também do regionalismo puramente realista, de outros autores criadores de heróis capazes, como ressalta Coutinho (2007), de feitos épicos lutando contra as forças do ambiente, sempre superior e feroz, a obra suassuniana é a representação de uma visão mais ampla do assunto. Um sertão que nem é tão ruim que não seja capaz de comportar magia e beleza e nem tão bom para ser apenas mágico. Em suma, a literatura que encontramos no Romance de Suassuna vai além daquela trabalhada pelo conceito regionalista padrão, ela não é apenas regional ou nacional, é geral e universal, uma vez que trata do homem, sem recusar a ficção, na sua amplitude, sendo então, talvez, a mais próxima da realidade humana.

3 ANALISE DO MITO E MESSIANISMO NO ROMANCE D'A PEDRA DO REINO E O PRÍNCIPE DO SANGUE DO VAI-E-VOLTA

3.1 APRESENTANDO O AUTOR

Ariano Villar Suassuna, nasceu no dia 16 de junho de 1927, no palácio da redenção, na cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, sendo o oitavo dos nove filhos de João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna e Rita de Cássia Dantas Villar. Após o fim do mandato de seu pai, que era governador da Paraíba, em 1928, a família se muda para a fazenda Acauhan, localizada no Sertão do Estado, quando no dia 9 de outubro de 1930, seu pai, agora deputado estadual, é assassinado no Rio de Janeiro por motivos políticos, que tiveram origem na luta armada de Princesa, na Paraíba, que antecedeu a revolução de 1930. Fato que marcou profundamente sua vida e sua obra.

Após a morte do pai, Ariano e sua família se deslocam de fazenda em fazenda até que em 1932, uma grande seca extermina praticamente todo o gado que lhes pertencia e, por esse motivo, chefiados por sua mãe, ele e os irmãos se mudam para Taperoá, também no Sertão, onde inicia os primeiros anos de escola, começa as primeiras caçadas e entra em contato com os violeiros e teatro de mamulengos. Tendo como mestres de leituras seus dois tios, Manuel Dantas Villar e Joaquim Duarte Dantas, pelas mãos dos quais teve acesso as obras de Eça de Queiroz, Elclydes da Cunha, Guerra Junqueiro, Antero de Figueiredo e José Lins do Rego.

Em 1942, a família muda-se para Recife, onde Ariano publica seu primeiro poema e conhece muitos amigos que exercem grande influência em sua formação, mas é na faculdade de direito que encontra o grupo de poetas, atores, pintores e escritores e romancistas junto aos quais fundará o teatro do Estudante de Pernambuco. Publica em jornais e revistas do Recife seus primeiros poemas relacionados ao Romancero popular do Nordeste e escreve sua primeira peça de teatro ligada ao mesmo tema, *Uma mulher vestida de sol*, ganhando com ela o prêmio Nicolau Carlos Magno. Em 19 de janeiro de 1957, casa-se com Dona Zélia de Andrade Lima com que tem seis filhos: Joaquim, Maria, Manoel, Isabel, Mariana e Ana.

A partir daí, escreve um grande número de peças, através das quais ganhou diversos prêmios, tendo sido algumas das mais famosas, adaptadas para a televisão e para o cinema, como é o caso de *Uma mulher vestida de sol*, escrita em 1947, *o Auto da compadecida*, escrita em 1955, e *o Rance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*, publicado em 1971. É eleito, em 1990, membro da Academia Brasileira de Letras, em 1992, para Academia Pernambucana de Letras e em 2000, para a Academia Paraibana de Letras.

Criou, junto com alguns companheiros, o movimento Armorial, para recuperar e fortalecer as raízes da cultura brasileira. Tornou-se membro fundador do Conselho Federal de Cultura, lecionou História da Cultura Brasileira, por mais de trinta anos na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sendo nomeado diretor do departamento de extensão da mesma instituição, em 1969, secretário de educação e cultura do Recife, em 1975, e em 1995, secretário da Cultura do Estado de Pernambuco.

3.2 SÍNTESE DO ENREDO DA OBRA

Escrito para ser o primeiro volume de uma trilogia intitulada *A maravilhosa desventura de Quaderna, o decifrador*, o Romance d`A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta, tem como base principal as memórias de Antonio Attico de Souza Leite, que descreveu o movimento messiânico sebastianista ocorrido em Pedra Bonita, sertão do Pajeú, fronteira da Paraíba com Pernambuco, no ano de 1838, no qual, liderada por João Antonio dos Santos, instalou-se naquela região, uma comunidade composta por camponeses que, através de uma espécie de culto fanático religioso, iniciaram um dos mais sangrentos movimentos messiânicos, já realizados no Brasil, quando, por meio das ordens de seu líder, os sertanejos agrupados diante de duas grandes pedras, de formato singular, acreditando que desencantariam, para libertá-los da miséria, o rei português D. Sebastião, participavam de rituais de degola que lavavam com sangue humano as pedras que simbolizavam a porta do reino encantado.

Estruturada a partir da influência da literatura de cordel, o romance que se divide em cinco partes que por sua vez se subdividem em subtítulos denominados, pelo autor, de folhetos, narra a estória de D. Pedro Diniz Quaderna, que ao prestar um depoimento a um juiz corregedor a respeito de fatos ocorridos durante sua vida, dirige-se também ao povo -o leitor- para assim, preparar sua defesa e ser julgado pelos atos dos quais está sendo acusado. Dessa forma, o narrador - personagem vai expondo os motivos que o levaram à prisão na qual se encontra ao mesmo tempo em que tenta justificar, através da narrativa, as circunstancias que o levaram a estar naquela situação.

A partir daí, Quaderna, inicia sua narrativa, expondo ao leitor sua visão em relação ao mundo, Deus e a morte, de forma metafórica, ao mesmo tempo em que retoma fatos históricos relacionados às batalhas que marcaram o território nordestino, a saber, principalmente, os fatos ocorridos no ano de 1930, em Princesa, Sertão da Paraíba, que antecede a chamada Revolução de 30. Ação proveniente de desavença política a qual, segundo o narrador, foi marcada pelos

atos de heroísmo de seus parentes. Heroísmo herdado de seus antepassados que foram, na narrativa, os reis que lideraram os sacrifícios na Pedra do Reino.

O tempo que contempla a ação da narrativa é o que transcorre entre os anos de 1935 a 1938, através dos quais o narrador, além de uma grande variedade de acontecimentos, descreve uma misteriosa cavalgada que traz à frente, ladeado por mais dois personagens, um misterioso rapaz montado em cavalo branco que após adentrarem a vila de Taperoá, causam espanto e admiração nos populares pelo modo como se vestem e a quantidade de animais que carregam, fato narrado detalhadamente. E com o passar do tempo, após acalmarem-se os ânimos da população, descobre-se que o rapaz do cavalo branco é Sinésio, primo de Quaderna, que desaparece enigmaticamente, após a morte do pai, D. Sebastião Garcia-Barreto, tio e padrinho do narrador.

Porém, esse fato só é narrado muitas páginas após a descrição da chegada da cavalgada na vila, o que faz com que o mistério em torno do acontecimento, permaneça por um longo período de tempo, dando espaço tanto para ansiedade gerada no leitor em relação ao esclarecimento dos fatos, quanto para os demais eventos que se sucedem no contexto. Eventos que são abordados através dos relatos históricos colhidos de obras de autores renomados e descritos pelo narrador por meio de datas e detalhes mínimos, como é o caso da descrição da invasão de Canudos, da comunidade de Palmares, e do combate entre mouros e o Rei de Portugal, D. Sebastião em Alcácer-quivir, responsável pelo contexto nuclear da obra.

No decorrer da trama vão surgindo as lendas que rondam a imaginação dos poetas populares, amigos de Quaderna, tendo um destaque especial, seu companheiro de versos, Lino Pedra-Verde, responsável pelo protagonismo dos misteriosos casos que se repetem a cada vez que o narrador quer embasar a veracidade das sagas populares que ele tanto insiste em evidenciar. Sagas que também são contados por uma tia de Quaderna, chamada de Felipa e a velha do badalo, que em versos descrevem as aventuras dos cangaceiros e outros mitos populares que servem de inspiração primordial às concepções literárias do personagem narrador.

Fazem parte também do conteúdo do texto os irmãos do narrador, sendo um deles um gravador popular conhecido por Taparica Quaderna, que, segundo ele, é o autor das gravuras que permeiam o romance. Taparica é apenas um dos muitos irmãos que Quaderna tem e cita, sendo que cada um exerce um papel importante na sua empreitada através do mundo da aventura régia e cavalesca, uma vez que compõem o grupo de cavaleiros que constituem o folgado popular, criado pelo narrador, e que aos moldes das tradições ibéricas, é dividido em duas partes que competem entre si; o cordão azul e o cordão vermelho.

Ao passo em que os fatos paralelos vão sendo narrados, ressurgem a estranha cavalcada e com ela o misterioso rapaz do cavalo branco cuja identidade vai sendo revelada aos poucos, entrelaçada a uma gama de enigmas e metáforas que envolvem a casa da torre da fazenda da Onça Malhada, pertencente a seu pai, nela degolado misteriosamente, e seus irmãos Arésio e Silvestre que complementam o laço familiar.

Após idas e vindas, a ação da narrativa se encerra com uma grande reunião popular em torno de Sinésio que, assim como Dom João Ferreira, o execrável, rei da Pedra do Reino, é aclamado pelo povo que reconhece nele a figura de um messias ressurreto e salvador, já que era tido como morto, e voltara de maneira enigmática, para reacender a fé de sua gente. E Quaderna, encerra então seu relato, em prosa e em verso, descrevendo numa visão fantasiosa, a realização de seu grande desejo de fazer o “folheto e romance do Canto Gentil da Raça Brasileira”.

3.3 O QUE OS CRÍTICOS JÁ AFIRMARAM

Conduzido pelo narrador - personagem, Quaderna, que se coloca à frente da narrativa não apenas como narrador dos fatos mas, antes de tudo, como “condutor/construtor do enredo e mestre de leitura”, segundo as palavras de Farias (2006, p. 286). O texto de *A Pedra do Reino* se articula como uma exposição de narrativas e interpretações diversas sobre o próprio ato da escrita, o que o caracteriza também, como um meta romance, constituído de técnicas que justificam no contexto sua forma singular:

Há no romance encaixes textuais que funcionam como verdadeiros tratados de estética e retórica. Neles Quaderna apresenta seu projeto literário [...] procura, enfim, [...] deslindar para o leitor o sentido do que aparentemente se está escrevendo no tecido da linguagem. (FARIAS, 2006, p. 286).

Isso exemplifica seu papel de construtor e não apenas narrador do enredo que conduz, porém, embora essa artimanha do autor pareça servir para esclarecer os fatos citados, ela contribui para aumentar a camada enigmática das ideias que recobrem o romance. Pois, percebemos no decorrer das citações, não a resolução mas uma expansão de dados que corroboram ainda mais para a disseminação dos fatores incógnitos que permeiam a trama. Afinal de contas, a proposta do narrador é fazer de seu romance uma epopeia charadística.

Verificam-se também, na obra, diversas referências a textos e autores que, segundo o narrador, influenciaram na sua ideia de escrever tal romance. Dessa maneira, a obra, ao abordar

na ficção os temas míticos e sebastianista, traz para o leitor um levantamento de dados literários que condicionam a pesquisas externas sobre os elementos por ela tratados. Autores renomados são evocados no contexto para assim assegurar a veracidade dos fatos descritos, fazendo com o enredo ficcional, uma interligação com a realidade. Mas, como bem demonstra Farias (2006), todos os textos de autores diferentes, utilizados na narrativa, passam antes pela avaliação de Quaderna que se apropria e manipula o material descrito e: “Suplementa, com comentários feitos à margem, os textos de que se apodera.” (FARIAS, 2006, p. 289).

Dentre as variadas técnicas usadas por Quaderna para enriquecer sua obra, Farias (2006), ao citar a matéria da qual ele se vale como inspiração, expõe que o narrador utiliza duas maneiras de relatar os fatos: em prosa e em versos, retirados dos folhetos de cordéis, literatura que tanto o fascina, sendo a partir deles que conduz a trama de sua “demanda novelosa”. E assim, abre caminhos para compor o contexto mítico e “cavalheiresco” de seu texto:

Toda a aprendizagem literária de Quaderna se nutre em primeiro plano do imaginário poético do Nordeste, constituindo este parte integrante do seu núcleo familiar. Na fazenda Onça Malhada, propriedade de seu tio e padrinho, Dom Pedro Sebastião Garcia Barretto, onde passa a infância e a mocidade, é introduzido desde cedo no “Reino da Poesia”. [...] Assim, não apenas a matéria dos folhetos quanto a sua forma literária conferem feição a estrutura romanesca. (FARIAS, 2006, P. 291).

Os folhetos são, portanto, para o narrador, a porta de entrada para o mundo da ficção no qual, fundindo-o ao mundo real, ele imagina sua grande obra. São dessa forma, os folhetos, o elo entre seu passado marcado pelas leituras feitas pelo seu professor João Melchíades, sua tia Felipa e a velha do Badalo, e seu presente que evoca insistentemente a necessidade dessas expressões que: “Ligam-se à substância mesma da existência do narrador, modulando conseqüentemente a ação narrada, que se tece a partir da experiência oralmente transmitida pelo imaginário poético do sertão”. (FARIAS, 2006, p. 294).

Fascinado pelos textos literários medievais, o narrador de *A Pedra do Reino*, tem como primeiro contato com a literatura erudita, ainda muito jovem, a *Cantiga de La Condessa*, através da qual é instigado ao amor de Rosa, menina que desperta nele seu primeiro interesse amoroso. E inspirado pela cantiga, transforma a moça em uma princesa de seu imaginário, e a realidade sertaneja em um universo cavalheiresco. Nasce daí, então, segundo Farias (2006), a necessidade de o narrador transfigurar a percepção do mundo, mitificando seu universo para extrair dele, uma nova significação.

Ainda segundo o autor, é através dessa metamorfose do Sertão, empreendida pelo narrador, que acontece a fusão entre a realidade e o mito. Daí, qualquer sertanejo que monte a cavalo, que seja reconhecido como cangaceiro ou tenha um status qualquer perante o povo, seja ele da elite ou não, ser identificado e patenteado como cavaleiro, rei e nobre no romance. E é através dessa idealização do espaço que o narrador estabelece a associação com a realidade, recontando ficcionalmente fatos históricos sertanejos.

Misturando a matéria romanesca da *Demanda do santo graal* à busca do reino encantado de D. Sebastião ao mesmo tempo que o relaciona a figura de Sinésio, como sendo o mesmo Messias, através dos versos citados por Lino Pedra-Verde que, por sua vez, associa-os com outras figuras do romance do Rei Arthur, o enredo se constitui da mais genuína e fascinante ‘demanda novelosa’, mítica e Sertaneja.

Ao se deparar com a abordagem feita por Suassuna, em relação à transfiguração do espaço no qual se constitui a sua narrativa que transfigura o real no mito, fundindo ambos e revelando uma nova imagem do Sertão, caracterizando-o de forma subliminar, trazendo para o seu contexto a mesma ideia de nobreza dos cavaleiros estrangeiros, sem com isso negar a sua realidade, César (2015, p. 151) ressalta: “O que Suassuna busca é a síntese da razão e da paixão, do erudito e do popular, a fidelidade ao que nós brasileiros, intrinsecamente somos: próximos de Portugal, do Norte da África, da Ásia [...]”

É, desse modo, a linguagem da utopia que se expressa através do contexto romanesco de *A Pedra do Reino*, fazendo com que a expansão da esperança se revele em todos os sentidos e em toda gente, unificando os povos através daquilo que os uni indistintamente: a fé em um mundo melhor. Nesse sentido, o autor ao abordar os temas condutores de sua obra, traz como fonte base do enredo, a literatura popular que atrelada ao viés épico dos romances de cavalaria, retoma as raízes das quais descende o povo brasileiro. O romance, nesse sentido: “Busca expressar a fusão de raças que o povo brasileiro representa, as lutas políticas e, fundamentalmente, busca a união dos opostos, na transcendência das oposições”. (CÉSAR, 2015, p. 160).

Dessa forma, em relação ao fato de Suassuna, em seu romance, recorrer ao mito Sebastianista como símbolo maior de unidade entre as tradições que, capazes de atravessar o tempo e o espaço, se expandem por meio do imaginário do povo e, se dividindo em diversas categorias, fortalecem as crenças que se perpetuam entre as gerações que, a exemplo da de Quaderna, mitifica tudo ao seu redor, Santos (2009, p.116), afirma:

Notamos que a recuperação da lenda sebastianista suscita outras elaborações do imaginário regional, entre messianismos e histórias populares, por exemplo, constituindo-se tanto em motivo como motor para o estabelecimento das multiformes recorrências do mito, viés preponderante nessa narrativa romanesca. Dessa maneira, a conformação da versão ficcional representa, também, a incorporação de novas imagens e simbolismos, assim como a recuperação daqueles que já faziam parte das versões de Portugal e do Brasil [...].

É, por meio disso, que as diversas lendas que encontramos no decorrer da narrativa, nos levam a compreender as variações imaginárias do sertanejo que as disseminam, pois, entendemos imediatamente que já é próprio da natureza da gente que descende dos “Reis castanhos e cabras da Pedra do Reino do Sertão”, metamorfosear a realidade para obter uma nova imagem do espaço que habita, uma vez que:

A dimensão mítica do espaço Sertanejo [...] pode corresponder tanto ao pitoresco de um cenário medieval de aventura e cavalaria como pode, no seu extremo, ser comparado a uma prisão[...] sem, contudo, deixar de representar o espaço concebível para se viver [...] (SANTOS, 2009, p.142).

É a partir dessa visão transfiguradora que o narrador pinta sua terra e sua gente. Transformando a realidade da qual faz parte, Quaderna, acrescenta à vida real, através dos relatos mais encantadores de seu imaginário fértil, uma versão mais colorida e régia do Nordeste, e é a partir desse quadro que Cardoso (2010, p. 410) relata que: “Embora saiba da realidade, Quaderna transforma-a, quando quer e quando lhe resulta conveniente. Simples pedreiras, casas, ruas, sítios e igrejas se vêm beneficiadas e ‘reconstruídas’ na arquitetura de seu palavreado.”

Torna-se, dessa forma, o reino por Quaderna inventado, o refúgio de seus pensamentos mais sublimes e fantasiosos e, na tentativa de convencer o leitor da grandeza de suas ideias, o narrador, ao descrever o território no qual pode ser rei e profeta, herói e anti-herói, sem que lhe abata a menor preocupação em parecer ridículo ou louco, por muitas vezes, busca esclarecer que todos os seus pensamentos e sonhos, surgem da necessidade de reafirmar, ao menos literariamente, a grandiosidade dos feitos de sua gente. A partir disso, Cardoso (2010, p. 409) então, para melhor explicar a imagem idealizada no discurso de Quaderna sobre o lugar em que habita, ressalta:

Para começar, o Sertão transforma-se em Reino- O Reino da Pedra Fina- e a aparente realidade, se vê, como por encanto- e regida pela vara mágica do discurso- descrita como uma visagem. O narrador salpica com tintas multicoloridas a sua pintura e arquitetura literária, composta de um palavreado grandiloquente, enfeitado, carregado de palavras sonoras e graúdas, muitas

vezes com supostos significados ocultos, tenta passar ao leitor uma imagem encantada do espaço.

A partir dessa imagem transmitida pelo narrador, Farias (2006) identifica no romance *A Pedra do Reino*, como sendo o ideário base dessa narrativa transfiguradora, a fusão entre o cangaceiro e o beato, peças que configuram as vertentes do épico e do mítico no romance. Isso se justifica pelo fato de haver, segundo a autora, no discurso de Quaderna, “constante associação a esses dois fenômenos”, sendo eles, referenciados por meio das mais diversas denominações e honrarias que permeiam o centro do texto, responsáveis pelos dois campos primordiais da obra; o da batalha e o da realeza. O que significa que a visão do mundo régio, para o narrador, surge de uma linhagem mestiça e sertaneja, cujos protagonistas, fictícios, podem surgir tanto da nobreza quanto do meio do povo, pois a proposta de Suassuna, segundo a autora, é a da “ideologia da miscigenação democratizante”.

É através de uma ideia correspondente que Cardoso (2010, p.129), ao analisar o objeto mítico sebastianista contido no Romance, aponta que: “Visto que o Sebastianismo, ‘branco’ e ‘estrangeirado’ é relegado por Quaderna a um segundo plano, será o sebastianismo ‘castanho’ e ‘sertanejo’ de *Pedra do Reino* que alcançará maior importância para o personagem.”

Essa conclusão de Cardoso (2010) se explica pelo modo com o qual o narrador - personagem, expõe suas concepções a respeito do seu ‘castelo literário’ que, embora exponha como núcleo o movimento de cunho Sebastianista, é construído, em sua maior parte, através dos mitos e lendas populares do Nordeste, o que o torna, então, o exemplar caracterizador da cultura do povo sertanejo, antes de qualquer outra denominação.

Nesse contexto, abrindo espaço para um modelo de se contar cantando a história, Quaderna, se valendo dos folhetos de cordéis, contempla os feitos, a fé e a luta do seu povo, reavivando na figura do rapaz do cavalo branco, o Messias; um misto de herói sertanejo e rei salvador que ressurgem misteriosamente para reavivar a esperança de sua gente em um mundo melhor. O que, nas palavras de César (2015), faz dessa uma obra extraordinária, na qual todos os temas são abordados; da política a filosofia, do mito à poesia. “É um grande poema, da prisão e exílio no mundo, de confronto com a morte, da arte entendida como possibilidade de salvação, de resgate do precíval e trágico do existir. (CÉSAR, 2015, p.160).

3.4 ANÁLISE DA OBRA

Dentre as abordagens feitas no romance sobre os aspectos culturais do povo do Nordeste Brasileiro, enfatizamos, aqui, o elemento mítico como revelação maior da identidade religiosa

que move as crenças de determinadas regiões sertanejas. Suassuna sintetiza, na obra, o retrato de um pedaço do Brasil, envolvendo a cultura popular e os mistérios de cultos religiosos que, durante muito tempo, marcaram a realidade da vida no sertão nordestino, abordando principalmente, o movimento de cunho Sebastianista ocorrido em Pedra Bonita, localizada na comarca de Flores, sertão do Pajeú, fronteira da Paraíba com Pernambuco. Em 1836, Antonio Ferreira, dando continuidade aos atos de seu cunhado, João Antonio dos Santos, iniciou um movimento Messiânico cujo objetivo principal era lavar com sangue as pedras indicadas como portas do reino encantado, para tentar fazer ressurgir de lá Dom Sebastião, jovem rei português, desaparecido na batalha de Alcácer-Quibir e imortalizado na crença do povo português como herói. O suposto salvador, ao retornar do encantamento, faria daqueles que se sacrificaram pela causa, príncipes e princesas imortais, trazendo a todos a felicidade suprema do paraíso terreal.

Partindo desse princípio, e considerando a complexidade do termo, é preciso traçar uma linha de pensamento que abranja apenas o assunto que aqui nos interessa: a concepção de mito em relação à vertente Messiânica Sebastianista, interpretada como base de uma imagem unicamente utópica, narrada segundo a visão do autor, bem como a descrição de alguns acontecimentos singulares, na obra, de seres surgidos do imaginário popular atuando como manifestação do Maravilhoso. Levando em conta, sempre, o ponto de vista do narrador - personagem, Quaderna, que se intitula, dentre outras denominações, um monarquista de esquerda, compreendemos que o núcleo do romance é verdadeiramente a expansão do sonho relacionado a conceitos paradoxais.

A obra é narrada através do ponto de vista do personagem principal (narrador - personagem), Pedro Dinis Quaderna, que em sua busca constante de se lançar a mundos superiores, nos quais a nobreza se dá por meio da proeza de heróis surgidos do povo e a felicidade se estabelece não por imposições de regras mas pela liberdade do homem em gozar os prazeres da vida, imagina e faz transcender o sertão em um reino peculiar e divino. Sagra-se, por muitas vezes, também rei e salvador desse povo, pelo menos, em termos literários, uma vez que toma por sua a grande missão de ser “o gênio da raça brasileira” através de uma obra romanesca que pretende escrever.

Quaderna, ao dizer-se descendente, bisneto, de D. João Ferreira, líder rei da pedra do reino, coloca-se como nobre e descreve os acontecimentos relacionados ao reinado de seu bisavô, para expandir e confirmar a nobreza de seu sangue e, conseqüentemente, seu dom de líder. Sendo assim, o personagem assume também seu papel no universo mítico, uma vez que suas atitudes expressam o mais nobre desejo de se projetar acima de si mesmo para alcançar seu lugar entre os nobres da raça.

Para que ninguém julgue que sou impostor vulgar devo finalmente esclarecer que, infeliz e desgraçado como estou agora, preso aqui nesta velha cadeia da nossa vila, sou, nada mais, nada menos, do que descendente, em linha masculina e direta, de Dom João Ferreira-Quaderna, mais conhecido como EL-Rei Dom João II, O Execrável, homem sertanejo que, há um século, foi rei da pedra do reino, no Sertão do Pajeú, na fronteira da Paraíba com Pernambuco. Isto significa que sou descendente, não daqueles reis imperadores estrangeirados e falsificados da casa de Bragança, mencionados com descabidas insistências na *História Geral do Brasil*, de Vernhagen: mas sim dos legítimos e verdadeiros Reis brasileiros, os Reis castanhos e *cabras* da Pedra do Reino do Sertão, que cingiram, de uma vez para sempre, a sagrada Coroa do Brasil, de 1835 a 1838, transmitindo-a assim a seus descendentes, por herança de sangue e decreto divino. (SUASSUNA, 2014, p. 34, grifo do autor).

Diante das afirmações de Quaderna que, preso, se posiciona perante o povo brasileiro, a fim de conseguir ser julgado de maneira justa, uma vez que se declara com um único propósito: exaltar os feitos da nação por meio da nobreza de sua gente, compreendemos a natureza ideológica de suas ideias. É ele um plebeu de raízes nobres, não de uma nobreza comum, como os já reconhecidos pela nação, mas ilustre descendente de reis sertanejos coroados pela coragem e a utopia, que, esperançosos de uma vida melhor, advinda da fé em um deus que, se evocado da maneira correta, ressurgirá para glória de todos, é capaz de feitos inimagináveis.

Colocando-se como líder das manifestações folclóricas de Taperoá, sua terra, Quaderna concretiza seus desejos fidalgos, atuando no meio do povo de várias formas e destacando-se, principalmente, como poeta e decifrador, consegue ser ouvido e seguido por muita gente, pessoas que o respeitam e o reconhecem, talvez por enxergarem nele a imagem de um profeta cuja descendência nobre, oriunda dos reis que tentaram desencantar D. Sebastião, lhes dá a garantia de sua dignidade e coragem. É, portanto, apegando-se aos feitos de seus antepassados que o narrador se auto – intitula: “Dom Pedro Dinis Ferreira Quaderna, Rei do Quinto Império e do Quinto Naípe, Profeta da Igreja Católico-Sertaneja e pretendente ao trono do Império do Brasil”. Portanto, também um mito.

A obra é ambientada no sertão nordestino, passando-se a maior parte da narrativa em Taperoá, Paraíba, cidade habitada pela grande maioria dos personagens e na qual acontecem os principais fatos que movimentam o enredo. Narrado através de flashback, o romance se constrói de capítulos e datas diferentes, uma vez que trata em seu contexto fictício, de momentos históricos que fizeram parte da realidade brasileira a exemplo do movimento Sebastianista, fato verídico, ocorrido em Vila Bela, e que aparece no texto como peça fundamental aos questionamentos sobre fé, religiosidade e fanatismo de um povo que ao se deparar com

situações sociais degradantes, busca se apegar a crenças repassadas de geração em geração. Mitos que evocam a chegada de um deus salvador que garanta o bem e a felicidade de todos por meio de um desencantamento dado através dos rituais mais diversos. É nesse sentido que Suassuna aborda os acontecimentos míticos em *A Pedra do Reino*, misturando a narrativa de cunho Sebastianista, às lendas mais extraordinárias que permeiam o imaginário do povo.

O texto trata fundamentalmente da transfiguração do sertão através da visão extraordinária do narrador - personagem, que, se recusando a retratar sua terra do mesmo ponto de vista que os demais, mostra dela seu lado mais ignoto, sua face de mistérios, de sonho e de encantos. Dessa forma, induzido pelas cantigas populares medievais, mitifica-a de diversas maneiras, misturando fatos históricos às mais diversas façanhas da gente sertaneja, fazendo, deste, um romance do real e do imaginário, em verso e prosa.

É isso que qualifica o Romance d'A Pedra do Reino: romance em prosa e verso, grande painel de uma concepção de vida, de sonho e de busca espiritual, mas também das guerras, das lutas por justiça, por afirmação de vitórias e ressurreição que marcaram o período histórico em pauta. (CÉSAR, 2015, p.159).

O romance, desde o título (*Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*) já nos transmite a impressão de uma porta de entrada a um reino no qual se apresenta a fé transfigurada em mito, uma vez que, ao evocar as palavras *Pedra do Reino* e *príncipe*, o autor já cria, de imediato na mente do leitor, uma imagem de nobreza. Suassuna, genialmente, trabalha cada detalhe da obra, não para ser apenas uma narrativa comum, mas, para ser toda ela, um emaranhado de símbolos caracterizadores de uma extraordinária mensagem representativa da verdadeira essência do sertão nordestino. Assim, a cada página, cada verso e cada gravura, uma parte do Brasil nos é revelada, e dessa forma, misturando ficção e realidade, o romance nos convida, nos atrai e nos situa à parte mais relevante da essência de sua narrativa: a alma do homem.

Romance de cavalaria, de guerreiros sertanejos que comparados a fidalgos estrangeiros, a exemplo dos *Doze Pares de França*, compõem um fascinante mundo encantado feito de feitos heroicos, batalhas ferozes, e astúcias diversas. Um romance tão misterioso e ao mesmo tempo tão nosso que entusiasmo desde as primeiras páginas, nas quais somos convidados a penetrar nas duas torres de pedra do castelo encantado de D. Sebastião, para nos encantar, rir e sofrer com o desenrolar dos fatos que se seguem a partir dessa entrada.

Partindo desse princípio, o mito sebastianista pode ser reconhecido, na obra, como o ponto máximo de sua mensagem, dada a profundidade com a qual Suassuna o aborda, utilizando

como tema principal o significado do rei D. Sebastião para o povo que, reconhecendo-o como o encoberto desejado que se encantara para ressurgir como salvador, o aguarda ansiosamente. Desse modo, o autor idealiza seu personagem principal como um profeta messiânico, que tem em mãos a missão honrosa, herdada de seu bisavô, de trazer de volta, pelo menos em forma de literatura, a esperança esquecida.

Dessa forma, Quaderna assume na narrativa seu papel de decifrador, apresentando-nos figuras e fatos enigmáticos que serão por ele, posteriormente, interpretados. Através da desventura de seu primo Sinésio, o “alumioso” rapaz do cavalo branco, que após a morte de seu pai, desaparece, visto por todos como um exemplo de nobreza e humildade, Quaderna traça um enredo que o coloca lado a lado de figuras populares, reconhecidas muitas vezes, como heróis, transformando-o, dessa forma, em um símbolo de utopia, criando em torno dele, um ambiente de mistérios revelados apenas, no final da romance. Torna-o, portanto, um personagem mítico, uma vez que representa, também, a imagem de um tão sonhado e aguardado protetor de sua gente.

A figura enigmática de Sinésio é, pela primeira vez, revelada através de uma cavalgada narrada por Quaderna como “a mais estranha cavalgada que já foi vista no Sertão por homem nascido de mulher.” Ao descrever detalhadamente as pessoas, animais e objetos, que compõem a cavalgada, o narrador vai nos revelando a face enigmática pela qual Sinésio é cercado, pois, não há, pelo menos não no primeiro momento, como identificar claramente a origem daquela gente montada em seus cavalos e vestidos de forma estranha, recobertos por grandes chapéus e adereços diversos, e rodeados por animais ferozes enjaulados a modo de um grande circo ou trupe de ciganos. A única coisa esclarecida é que, ao se deparar com tal acontecimento e verificar que o principal motivo de tudo aquilo é Sinésio, todo o povo se põe a interpretar o fato como sendo um milagre, o grande e divino milagre que lhes traz de volta o príncipe protetor que havia se encantado.

Assim, aparecendo na obra como um cavaleiro misterioso, príncipe de nobreza exemplar, Sinésio representa o elo entre o povo e a esperança. Sua história, cujo contexto se faz de tragédia, transforma-o em uma espécie de herói desafortunado e andarilho que após um longo tempo desaparecido, retorna para sua terra, sua casa e sua gente, que maravilhada com os enigmas que rondam sua aparição repentina, após por um longo tempo ser considerado morto, enxerga nele a figura maravilhosa de um salvador, digno de ser idolatrado.

[...] estávamos às vésperas da revolução comunista de 1935. Ora, Sinésio concentrara em torno dele, durante todos aqueles anos, as esperanças de

justiça da ralé sertaneja [...]. O povo nunca perdera a fé na sua volta, quando ele ressurreto, realizaria a Restauração de não sei que *Reino*, um Reino sertanejo no qual os proprietários seriam devorados por dragões e todos os pobres e aleijados, cegos, infelizes e doentes ficariam de repente poderosos, perfeitos, venturosos, belos e imortais. [...]. (SUASSUNA, 2014, p. 422, grifo do autor).

Retornando para sua terra, Sinésio é recebido pelo povo que passa a reconhecer, na sua imagem, a própria figura do messias e, dessa forma, num rito de devoção, deposita nele todos os seus ideais de fé e justiça. Reconhecido pelos pobres como um símbolo de sua luta, se transforma na figura chave do Romance, peça fundamental de ligação entre a representação do sertanejo forte e nobre e D. Sebastião, o aguardado. Portanto, a personificação do mito no homem.

Além de “Sinésio, o alumioso”, outras figuras ganham destaque na obra, assumindo um papel de honra e resistência, mitos como os cangaceiros, representantes emblemáticas do território sertanejo, que se destacando em diversas obras já escritas, em *A Pedra do Reino*, são exaltados com sagrações honrosas. Comparados por Quaderna aos Doze Pares de França, ganham visibilidade como cavaleiros medievais, dignos e ilustres, porém, nascidos da plebe, fazem parte da aristocracia do couro que, embora diferente, para ele, é tão nobre quanto a outra.

A defesa feita pelo narrador, aos cangaceiros, se justifica pela sua paixão pelos folhetos que narravam os atos de coragem tantas vezes empreendidos por Lampião, Gezuíno Brillhante e Corisco, sertanejos reconhecidos pelo povo e sagrados por ele como heróis vestidos de armaduras de couro. Uma gente forte e valente a qual representa a verdadeira face do sertão nordestino devendo, portanto, serem reconhecidos dignamente como Reis na sua terra. Assim, embalado pelos ideais de fidalguia nacionalista, Quaderna revela seus desejos mais profundos: “Meu sonho, é fundir os fidalgos guerreiros e cangaceiros [...] com os fidalgos negros e vermelhos do povo, fazendo uma Nação de guerreiros e cavaleiros castanhos, e colocando esse povo da Onça-Castanha no poder!” (SUASSUNA, 2010, p. 276).

Nesse aspecto, o cangaceiro se configura na obra como um personagem que apesar de não ocupar o espaço principal do enredo, revela uma imagem quase que sagrada da valentia sertaneja oriunda das lutas do homem contra a realidade que o cerca, não contra o espaço em si, mas em defesa de uma honra que sublimava sua fama projetando-o para um posto de supremacia em relação aos demais. Era ele, então, além da figura lapidada e imponente do vaqueiro, o herói para muitos, o temido por todos, o guerreiro, o bravo, e em resumo, o mito vivo do sertão.

Com isso, o autor traduz, em sua obra, a efigie idealizada do cangaceiro pelo povo que o reconhece e o traduz de maneira tal que o banditismo por ele empreendido, torna-se quase que mais um exemplo de sua natureza desbravadora que, marcada pela bravura de seu espírito livre, não consegue existir se não dessa forma, resistindo a tudo e a todos sem jamais abrir mão de ser quem era. O cangaceiro de Suassuna é, por assim dizer, o complemento fantasiado, no modo livre de viver, daquele que nos é revelado por Mello (2011, p. 87):

[...] não resta dúvida de que o homem do cangaço disputa com o próprio vaqueiro a primazia no representar do modo mais completo o conjunto dos atributos e qualidades que caracterizam o homem do ciclo do gado. As noções de independência, improvisação, autonomia e livre-arbítrio conheceram nele seu cultor máximo. Ninguém o excedeu no dar asas soltas ao aventureirismo e ao arrojo pessoal. Ninguém mais que ele soube gozar, a um só tempo, as peculiaridades do viver nômade. Foi, a ferro e fogo, senhor de suas próprias ventas, atuando-como se diria com expressão do velho Nordeste colonial- sem lei nem rei.

Partindo do mito principal, D. Sebastião, Suassuna traz para o enredo, além do cangaceiro, figuras como Antonio Conselheiro e Zumbi de Palmares, enfatizados no contexto da narrativa como expoentes dos principais movimentos de luta brasileiros. Através de um resumo dos fatos, Quaderna demonstra sua admiração por esses personagens, tratando Antonio Conselheiro como santo e Zumbi de Palmares como rei. Realça dessa maneira, ainda mais a presença do elemento mítico na narrativa. É preciso enfatizar ainda que, ao abordar tais fatos, a obra mostra seu carácter histórico e revela, por traz de acontecimentos reais, passados no Brasil, uma espécie de justificativa da bravura e resistência do povo que responde com luta às opressões sofridas. É o Brasil caboclo e negro que um dia se rebelou e mostrou ao mundo do que sua gente é capaz quando decide lutar.

Nesse contexto, o autor relata ainda, os dados colhidos de outros autores sobre as revoluções que serviram de base ao núcleo de seu romance, a saber a Revolução de 1930, a abordagem da Guerra de Princesa, no sertão da Paraíba, dentre outras. Fatos que vão construindo através de fontes reais, a estrutura cavalheiresca da obra. Tudo discutido por Quaderna e seus mestres conselheiros, Clemente e Samuel, personagens que contribuem para o discurso político-social entre esquerda, e direita, uma vez que cada um dos dois toma parte em um dos lados, sendo Clemente um negro defensor de ideais revolucionários de esquerda, e Samuel um sebastianista de origem burguesa e idealista de direita.

Nesse sentido, o romance *A Pedra do Reino*, vai além de uma obra de ficção com relatos históricos: ele é o retrato que mostra de maneiras diversas o sertão nordestino e o Brasil, em

vários ângulos e de inúmeras formas. Nele se expressa tanto as lutas de glórias e derrotas quanto os mistérios que envolvem o povo, mistérios que se misturam às crenças e vão gerando e unificando uma população e uma terra, reconhecidas até então, apenas pelo lado bruto e seco de olhares acostumados a transmitir tão somente o que estava ao alcance limitado dos olhos. Suassuna vai além e mostra mais: expõe as raízes mais profundas de um sertão bonito e rico, complexo e misterioso, audaz e mítico, que se revela principalmente através da imaginação de um personagem que tenta, de todas as maneiras, convencer o leitor sobre a razão e agudeza de seu drama.

Escutem pois, nobres senhores e belas damas de peitos brandos, minha terrível história de amor e de culpa; de enigma, de morte e disparate; de lutas nas estradas e combates nas caatingas; história que foi a suma de tudo o que passei e que terminou com meus costados aqui, nesta Cadeia Velha da Vila Real da Ribeira do Taperoá, Sertão dos Cariris Velhos da Capitania e Província da Paraíba do Norte. (SUASSUNA, 2014, p. 35).

Um depoimento a um juiz corregedor é a estratégia que Suassuna usa para revelar em *Quaderna* a posição do homem diante do tribunal da vida cujas circunstâncias mais improváveis podem condená-lo. Durante todo o romance o personagem central presta depoimento a um juiz que o interroga por suspeitas diversas sobre sua conduta peculiar e até assassinato, o que o leva a dar explicações e relatar fatos extraordinários que rodeiam sua vida, tais como os mistérios que rondam seu primo Sinésio, o misterioso rapaz do cavalo branco, e as astúcias às quais teve que se apegar para sobreviver e ser visto pelo povo como homem honrado e cavalheiresco. Porém, *Quaderna* omite no depoimento, os acontecimentos que deram início aos seus pensamentos de realeza; os fatos ocorridos na *Pedra do Reino* que fizeram seu bisavô e outros membros de sua família serem reconhecidos como profetas imperadores do reino encantado. Isso se explica pelo fato de que a linhagem real à qual pertence é oriunda de acontecimentos extraordinários, sanguinários e chocantes que, diante da justiça, podem servir não para aclamar, mas condenar os feitos de seus antepassados.

Com isso, nos deparamos com a ambiguidade do principal objeto mítico presente na obra, que de maneira intrigante revela lados distintos; o símbolo mítico principal é o Sebastianista cujo contexto trata D. Sebastião como o príncipe salvador a ser desencantado através de rituais empreendidos na *Pedra do Reino* pelos antepassados de *Quaderna*, fato esse que confirma a sua descendência de tais personagens que protagonizaram esses eventos messiânicos o que, de certa forma, justifica sua mania de grandeza. Porém, é esse mesmo fato que ele, diante de seu interrogatório e, como revela o próprio personagem, no início de suas

descobertas sobre sua linhagem fidalga, tenta esconder a todo custo, o que nos faz concluir que: o mito exaltado como modelo de esperança e salvação é o mesmo que pode condenar à prisão e ao desespero existencial. O elemento mítico em *A Pedra do Reino* tem, então, uma dupla face; é tão poderoso que serve ao ser humano como modelo glorioso, digno de exaltação e, ao mesmo tempo, é tão frágil quanto o homem já que surge expressamente de sua imaginação mirabolante, inquieta e sedenta.

De qualquer forma, a alma da obra é o místico da existência, humana e animal, simbólica e fantástica. Tudo que remete a natureza do existir sem cobrar explicações lógicas da natureza das coisas ou ignorá-las por serem aparentemente estranhas. Ao utilizar como núcleo do seu Romance, por exemplo, fatos históricos reais para a partir deles elaborar toda uma ficção, Suassuna aborda dois mundos diferentes em um só contexto: o objetivo e o subjetivo, unificando-os de maneira a causar no leitor duas satisfatórias sensações: a conexão com a veracidade da história e o prazer restaurador que só pode ser alcançado por meio da subjetividade poética do texto. O mito e o homem se integram e formam um só ser igualmente mítico, pois, não há, por exemplo, distinção que separe D. Sebastião de D. João Ferreira Quaderna, no romance, em matéria de nobreza e realeza, já que tanto um como o outro tem seu lugar de rei no território da ação. Da mesma forma que não se pode diferenciar o seus reinos nem seus castelos, uma vez que ambos os possuem e os idolatram de maneira semelhante. E embora lutem em batalhas diferentes, se igualam através da aclamação do seu povo e do mesmo sonho: a glória de seu reino.

Não se pode negar, ainda, a maestria com a qual a estrutura da narrativa capta nossa atenção. Cada capítulo, apesar de interligarem-se, traz ao contexto da obra um dado novo e peculiar, uma vez que cada um tem o seu título próprio. Pois, assim como nos folhetos de cordel, surge um tema diferente que fatia mas mantém, ao mesmo tempo, a coerência do todo. Na verdade, podemos mesmo considerar a obra como um grande e genial folheto de cordel, pelo qual as rimas e a prosa se unem para formar um grandioso texto narrativo sobre os fatos mais diversos que constituem e revelam, segundo o autor, a alma do Nordeste brasileiro.

É por este viés, que identificamos na obra a estética do Movimento Armorial que foi criado por Suassuna, juntamente com outros artistas, em 1970, tendo como princípio a junção das raízes precursoras da cultura popular brasileira, identificadas por ele como sendo: a portuguesa a indígena e a africana. Na tentativa de, com isso, recuperar a originalidade da arte nacional, através, principalmente, do romanceiro popular, já que:

[...] o romancista e o folheto são, ao mesmo tempo, fonte e modelo de um aspecto particularmente original no Movimento Armorial: a relação estreita entre as diferentes expressões artísticas e os próprios artistas. (SANTOS *apud* RODRIGUES, 2015, p. 61).

Dessa maneira, Suassuna escreve a obra *A Pedra do Reino*, contemplando, num só volume, os versos, as gravuras e a prosa que compõem um romance aos moldes de cavalaria medieval, evidenciando o que há de mais autêntico nas tradições populares do Brasil. O que demonstra que, ao conceber o movimento que hora se traduz como estética, Ariano busca criar o reflexo de uma arte que seja capaz de revelar, no mais puro sentido da frase, a verdadeira identidade da nação.

Assim, influenciado pelos folhetos, Suassuna se esforça para demonstrar a riqueza da cultura de sua gente e o faz através de Quaderna que se apresenta como um apaixonado por essa literatura, e vive de recitar, para cada acontecimento, uma parte de algum cordel que traz decorado. É através disso que juntamente com seu amigo, Lino Pedra Verde, ele vai contando e cantando os mais diversos casos que aprendera do povo. É a ficção tratando da ficção sem perder de vista a realidade na qual a obra se ambienta. E é, justamente por isso, que o texto tanto é capaz de cativar por uma vertente quanto pela outra, já que não se nega a impressionar de nenhum modo. E assim, de gravuras, de versos e de prosa se constitui uma das maiores obras literárias brasileiras. E Suassuna, certamente realizou o sonho do seu personagem: escreveu para Quaderna e, com Quaderna, A Obra do Gênio da Raça.

Visionário, Quaderna sonha com um mundo melhor para si e para os seus, porém, este mundo é o sertão, fidedigno berço no qual nasceu e busca exaltar de todas as formas. Sua terra é o reino esperado no qual não lhe faltam súditos, príncipes, princesas nem cavaleiros. No entanto, tudo é mitificado e sublime, exemplar e honroso. Desde o mais humilde plebeu até o mais elevado membro de sua corte de sonhos, desempenham papéis dignos e são por isso reconhecidos. Não há, dessa forma, uma linha que os separe, dividindo-os em melhores ou piores homens pois, neste reino, todos são, por merecimento, igualmente nobres. Sejam eles: poetas populares cantadores repentistas, vaqueiros ou cangaceiros.

Tematizado principalmente pelos elementos mais típicos da cultura regional: as lendas que integram as histórias e fazem parte do imaginário e da crença, até, da gente sertaneja, *A Pedra do Reino*, desde o mito que sustenta a fé em uma vida prospera até as visagens mais extraordinárias que, hora oriundas do efeito de alguma bebida ou dos devaneios causados pela própria miséria pessoal de alguém, sintetiza o exemplo perfeito de uma epopeia popular.

A descrição da visagem da Besta Bruzacã, que vive no mar nos tempos de chuva causando as tempestades e depois se esconde em uma furna de pedra perdida no sertão, fazendo a seca com o fogo que sopra pelas ventas, bem como o caso do cavaleiro diabólico que apareceu para Lino Pedra-Verde, em seu roçado, são apenas algumas das referências a causos que surgem do imaginário e se transformam em lendas populares. Mas, é a imagem da morte, descrita pelo narrador que sem saber se estava sonhando ou alucinando, simplesmente, que busca causar mais espanto e admiração, quando ao descrever a visão da morte estranhamente denominada de A Moça Caetana que, segundo ele, atrai e assassina o homem ao mesmo tempo que o seduz e lhe causa prazer, narra:

[...]. Porque, quase imediatamente, entrava na sala da biblioteca uma moça esquisita, vestida de vermelho. O vestido, porém, era aberto nas costas, num amplo decote que mostrava um dorso felino, de Onça, e descobria a falda exterior dos seios, por baixo dos braços. [...] Em cada um dos seus ombros, pousava um gavião, um negro, outro vermelho, e uma cobra-coral servia-lhe de colar. Ela me olhava com uma expressão fascinadora e cruel. Mas não disse nada. Encaminhou-se para um pedaço branco e despido da parede, e, sem deixar de me olhar, ergueu a mão, começando a traçar, com o indicador, linhas e linhas horizontais, na parede que ficava por trás dela. À medida que o dedo ia indicando as linhas, a parede se cobria de palavras escritas a fogo. Eu aterrado, indagava de mim mesmo quem era ela. Mas, no fundo, já sabia: era a terrível Moça Caetana, a cruel Morte sertaneja, que costuma sangrar seus assinalados, com suas unhas, longas e afiadas como garras. (SUASSUNA, 2014, p.305).

A imagem da Moça Caetana, aparece nesse exemplo, com um toque de sensualidade feminina que, ligada às figuras dos animais sertanejos que são também relacionados ao sentido da morte e da ferocidade, mistura o misterioso e o medonho numa mensagem sensual e enigmática, o que a torna, ao mesmo tempo, fascinante, tenebrosa e voraz aos olhos dos homens.

Partindo disso, dentre as variadas visões de Quaderna, uma devemos destacar, ainda, com maior ênfase, por traduzir, se não a essência principal da obra, pelo menos, exemplifica extraordinariamente a imagem do sertão imaginário do personagem que, ao transformar quase tudo em objeto do mítico e do maravilhoso, nos expõe uma tese que justifica poeticamente a condição do homem em relação aos dois principais elementos responsáveis por mover a roda de sua existência: a terra em que vive e a divindade, força mística e superior a tudo. Relacionando-as, o personagem as comprara a duas onças, uma parda e outra malhada, que, consideradas como os animais mais ferozes que habitam o Nordeste, representam, segundo a narrativa, a superioridade ante a pequenez e vulnerabilidade da vida humana.

Da terra agreste, espinhenta e pedregosa, batida pelo Sol esbraseado, parece desprender-se um sopro ardente, que tanto pode ser o arquejo de gerações e gerações de cangaceiros, de rudes profetas, assassinados durante anos e anos entre essas pedras selvagens, como pode ser a respiração dessa fera estranha, a Terra- esta Onça-Parda em cujo dorso habita a raça piolhosa dos homens. Pode ser também, a respiração ferosa desta outra fera, a Divindade, Onça-Malhada que é dona da Parda, e que, há milênios, acicuta a nossa raça, puxando-a para o alto, para o Reino e para o Sol. (SUASSUNA, 2014, p. 31).

Dessa maneira, Suassuna demonstra, principalmente, a diferença que separa o humano do divino que, muito mais feroz, é responsável por guardar os mistérios que cercam a existência do homem, relegando-o ao papel de mero figurante no teatro da vida do qual, a qualquer momento, pode ser dispensado sem ao menos ter a chance de saber o motivo real da sua atuação. Porém, nesse contexto, o autor não revela, apenas, a existência de um reino malfazejo e superior ao terreno, mas, antes e apesar de tudo, abre espaço para justificar a esperança da busca pelo Messias, já que, ao mesmo tempo que relata sua indignação em relação a aspereza da divindade, a personagem acredita na sua existência.

A partir disso, o autor trata em sua obra, a ligação concreta entre o homem e a divindade através do sonho e da crença, pois, ao revelar na figura de Sinésio, a imagem de um príncipe que traz de volta a esperança de sua gente, após uma longa espera por um Messias, evocado desde muito tempo através dos rituais sebastianistas da Pedra do Reino, ele liga as duas pontas do enredo: a espera e a chegada de um salvador, demonstrando efetivamente que, embora não dando a narrativa um desfecho concreto, não retira dela seu propósito principal que é retratar a ressurreição contínua da esperança.

Em síntese, ambientado em um cenário característico, o romance se vai construindo de maneira trágica e cômica, cujo enredo se desenlaça de um modo lento e paradoxalmente, angustiante e belo. Somos, a todo momento, convidados a mergulhar nas aventuras alucinantes do imaginário de Quaderna e seus pares, ao mesmo tempo em que, ao nos inebriarmos com o enredo, somos involuntariamente levados a sentir a aspereza do enrijecido solo sertanejo e as tragédias de sua gente. E, embora ao longo da narrativa, por alguns momentos, nos esqueçamos do tema nuclear, pelo fato de nos distraírem os momentos fantásticos, os versos citados por Quaderna trazem como uma lição do não se esquecer, a imagem das pedras lavadas de sangue, o líder degolador, e o grito do povo, clamando por seu rei.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adentrarmos no reino encantado criado por Suassuna no romance *A Pedra do Reino* e o príncipe do sangue do vai-e-volta, nos deparamos com um mundo de sonhos e encantamento, no qual, a partir da visão transfiguradora de seu narrador, predominam sobre a aridez do solo Sertanejo, a fé e o sonho como marcas principais de uma gente que resiste bravamente a todas as dificuldades que a cercam, formando-se daí, segundo a concepção do narrador, a grandeza régia do Sertão. Diante disso, compreendemos que a força discursiva do texto nos leva ao mais profundo da subjetividade literária, sem nos afastar, porém, da realidade da qual o autor se apodera para fundamentar sua ficção. Fato esse, que nos leva a perceber o quão intrincado é o compêndio narrativo do qual estamos tratando e, por isso mesmo, embora tentemos explorá-lo da maneira mais profunda, nossa análise está longe de ser conclusiva.

Dessa forma, com base nos teóricos que tratam do mesmo foco, procuramos abordar o elemento mítico que constitui o núcleo do texto, verificando através dele uma profunda relação do autor com os temas que envolvem o cerne da cultura popular nordestina, uma vez que, provenientes das crenças que permeiam o imaginário do povo, os mitos retratados na obra revelam uma imagem nítida daquilo que o Sertão tem de mais original: as tradições que cultuam o sagrado e preservam as lendas.

Diante disso, entendemos que o autor, por meio de sua escrita poética, revela aquilo que de melhor há no Nordeste e, sem perder de vista os defeitos, descreve o homem e a terra de modo a exaltá-los nas suas qualidades, o que revela na sua narrativa uma perspectiva diferente daquelas que, tratando do mesmo assunto, aborda-o por meio de estereótipos que gera, por vezes uma mensagem estigmatizada e preconceituosa. Por esse motivo, o romance *A Pedra do Reino*, é, além de uma narrativa meramente ficcional, uma justa retratação a imagem do Sertão e um grande relato da história e da cultura do Nordeste e do Brasil. O que nos leva a compreender que, o nosso trabalho, ao abordar tal tema, é de extrema importância como fonte de análise para o conhecimento de uma literatura que passeia entre o popular e o erudito sem perder a originalidade e a coerência essenciais à obra.

Concluimos, portanto, que a nossa pesquisa resulta na compreensão da riqueza imagética do romance de Suassuna que nos expõe através de um mito Sebastianista a capacidade do homem sertanejo, por ele abordado, de fazer do invisível sua fonte de força e persistência. E é por meio disso que percebemos, na composição da ação da obra, um paralelo entre o homem e o divino, a coragem e a dor, o estranho e o belo, colaborando com uma visão

social e estética em relação ao Nordeste brasileiro que, transfigurado pelo “realismo mágico” do romance, evidencia literariamente, uma compreensão da cultura nordestina, de um ponto de vista exemplar.

Ao nos depararmos com a complexidade do assunto que se estabelece como tema dessa pesquisa, tendo em vista as variadas abordagens que o autor dá à matéria, buscamos trilhar um caminho que nos levasse a um resultado o mais satisfatório possível na conclusão do nosso estudo. Para isso, nos detemos na abordagem do mito Sebastianista e sua simbologia como elemento central do rito messiânico e de algumas lendas que permeiam o contexto da obra, sempre de acordo com a visão metafórica do narrador-personagem, levando em consideração, antes de mais nada, a perspicácia do autor quando o assunto é manipular e alterar o sentido do texto, o que nos leva a crer que, de um modo geral, os nossos objetivos foram alcançados. Com isso, acreditamos que as nossas hipóteses também foram, de maneira satisfatória, confirmadas, já que, as expectativas que tínhamos antes de adentrarmos efetivamente no contexto do romance, estavam de acordo com a realidade encontrada.

Sabendo-se do quanto é extensa a gama de assuntos a serem tratados em relação ao contexto mitológico de *A Pedra do Reino*, tendo em vista que a obra intensifica a cada capítulo a sua variedade de concepções a esse respeito, multiplicando assim os caminhos a serem percorridos, acreditamos que muito há para ser pesquisado, revelado e compreendido e que embora muito se faça a esse respeito, as possibilidades não se esgotarão, pelo contrário, se multiplicarão a cada nova descoberta, pois o romance de Suassuna trata mais de enigma do que de decifração, embora seja a de decifrador uma das denominações das quais Quaderna se vale para apresentar ao público, sua versão dos fatos que compõem a narrativa.

Diante disso, verificamos que há, no romance, muito a ser explorado e discutido, razão pela qual reafirmamos a necessidade de novas pesquisas que colaborem para uma abordagem mais aprofundada dos temas trabalhados, para que, dessa forma, haja conclusões cada vez mais abrangentes e esclarecedoras sobre essa obra que é considerada pela crítica como sendo um dos mais brilhantes trabalhos já realizados no campo da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Invenção do Nordeste**. 2. ed. Recife: Cortez Editora, 2001.
- CARDOSO, Maria Inês Pinheiro. **Cavalaria e Picaresca no Romance D' A Pedra do Reino de Ariano Suassuna**. 2010. 547 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós – Graduação em Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano – Americana, São Paulo, 2010. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-16062011-132209/pt-br.php>>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- CÉSAR, Constança Marcondes. **ARIANO SUASSUNA: O ROMANCE D'A PEDRA DO REINO**. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, p. 147-160. Disponível em: < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13421.pdf>> Acesso em: 2 set. 2017.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução a Literatura no Brasil**. 24. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- FACÒ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos: gênese e luta**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- FARIAS, Sônia Lúcia Ramalho de. A Utopia Sebastianista de Ariano Suassuna: Romance D'A Pedra do Reino ou a Prosa Heráldica de um Monarquista de Esquerda. In: _____. **O Sertão de José Lins do Rego e Ariano Suassuna: Espaço Regional, Messianismo e Cangaço**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006. cap. 3., p. 283-504.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol: Violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. 5. ed. São Paulo: A Girafa, 2011.
- RODRIGUES, Daniella Carneiro Libânio. **A arte segundo Ariano Suassuna: a intermedialidade e a poética armorial**. 2015. 114 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários, Teoria da Literatura e Literatura Comparada) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no Mundo**. 3. ed. São Paulo: Editora Alfa Omega, 2003.
- SANTOS, Tania Lima dos. **A (re)escritura mítica do sebastianismo no Romance D'A Pedra do Reino, de Ariano Suassuna**. 2009. 189 f. Tese (Doutorado em Letras) -

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images_pdf_tania.PDF>. Acesso em: 20 jul. 2017.

SUASSUNA, Ariano. **Romance d'A PEDRA DO REINO e o Príncipe do Sangue do vai-e-volta**. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.